

ISSN 1980315-X



9 771980 315002 00152

Impresso
Especial

0334/2001-DR/RS
ADUFRGS

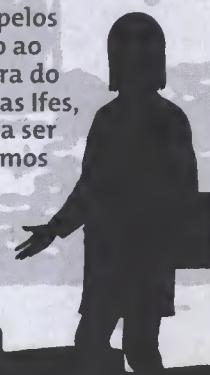
CORREIOS

Nº 152 - Dezembro/2007

Adverso

ACORDO ATENDE REIVINDICAÇÕES HISTÓRICAS DO MOVIMENTO DOCENTE

Conquistas obtidas pelos docentes dão início ao redesenho da Carreira do Magistério Superior das Ifes, que deve continuar a ser discutido nos próximos três anos.



Plano de Saúde Unimed

Em função do grande número de solicitações, a diretoria da Adufrgs esclarece que:

1. Tem a informação de que ao iniciar o processo licitatório, a Ufrgs poderá requerer ao Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG) prorrogação do término da vigência do atual contrato para 31 de julho de 2008.
2. O processo de montagem do edital para contratação de um plano de saúde, de acordo com a decisão da Comunidade na Consulta Eletrônica, está em curso e conta com a participação ativa da Comissão nomeada pela Reitoria, da qual a Adufrgs é integrante.
3. É importante salientar que a Portaria 1983/06 está para ser alterada e que, por isso, seria prudente aguardar para liberar o edital.
4. Paralelamente ao processo da Ufrgs, a diretoria da Adufrgs vem mantendo conversações com operadoras de Planos de Saúde, conforme decisão de Assembléia Geral. Entende, entretanto, que é importante aguardar a licitação pela Ufrgs, para que se conheça as propostas apresentadas pelas Operadoras.
5. Está atenta a todo o processo e não permitirá que os associados fiquem desassistidos.

Diretoria da Adufrgs



www.adufrgs.org.br



Seção Sindical da Andes-SN
Rua Otávio Corrêa, 45 Porto Alegre/RS
CEP 90050-120 Fone/Fax: (51) 3228.1188
E-mail: adufrgs@portoweb.com.br
Home Page: <http://www.adufrgs.org.br>

Directoria
Presidente: Eduardo Rolim de Oliveira
1º vice-presidente: Cláudio Scherer
2º vice-presidente: Lúcio Hagemann
1º secretário: Lúcio Olímpio de Carvalho Vieira
2º secretária: Maria Luiza A. Von Holleben
1º tesoureiro: Marcelo Abreu da Silva
2º tesoureira: Maria da Graça Saraiva Marques
1º suplente: Mauro Silveira de Castro
2º suplente: José Carlos Freitas Lemos

ADverso

Publicação mensal impressa em
papel Reciclado 75 gramas

Tiragem: 4.500 exemplares
Impressão: Comunicação Impressa
Produção e edição: Editora Verdeperío Ltda.
editoria@verdeperiotcomunica.com.br
Editora: Maricélia Pinheiro (MG 05029 JP)



ISSN 1980315-X

Reportagem: Maricélia Pinheiro,
Clarissa Pont e Zaira Machado (7812)
Fotos: Clarissa Pont (13302)
Ilustrações: Mário Guerreiro
Capa: Mário Guerreiro
Projeto Gráfico e Diagramação: Marcos Guimarães

QUE AS CONQUISTAS DE 2007 NOS IMPULSIONEM PARA MUDANÇAS EM 2008

O ano de 2007 chega ao fim. E podemos dizer que foi um ano de muitas realizações e ganhos. Para nós, docentes das Universidades Federais, e para a sociedade brasileira como um todo. Afinal, o acordo firmado com o Governo Federal, além de atender reivindicações históricas do Movimento Docente, prevê a valorização da carreira, como forma de qualificar ainda mais as Instituições Federais de Ensino Superior (Ifes). Foram três longos meses de negociação, debates, cálculos, idas e vindas. Mas a disposição do Proifes e do Governo, para chegar a um consenso antes do final do ano, foi maior. O que aponta a primeira parcela dos reajustes salariais para março de 2008. No entanto, a batalha segue, pois falta garantir ganhos também para a Carreira do Magistério de 1º e 2º graus, cujas negociações devem adentrar janeiro, além é claro, de garantirmos que o acordo assinado seja cumprido, mesmo sem a CPMF.

Torna-se imprescindível tecer aqui alguns comentários sobre a atuação da Andes – que se diz sindicato, embora não tenha registro sindical – em todo esse processo, especialmente no desfecho final. Contrária ao sistema de consulta eletrônica, modalidade cada vez mais utilizada na Ufrgs, pelo fato de atingir um número muito maior de votantes, a Andes promoveu assembleias gerais em todo o País para aprovar ou não a proposta do governo. Juntas, as mais de 20 assembleias reuniram quase tantos docentes quanto os 413, só da Adufrgs, que votaram via internet. Vale ressaltar, que cumprindo rigorosamente o estatuto da entidade, a Diretoria da Adufrgs convocou Assembleia Geral para avaliar o resultado da Consulta Eletrônica, na qual a imensa maioria disse “sim” à proposta do governo.

No dia 5 de dezembro, diante de todos os presentes na mesa de negociação, a Andes disse “não” e propôs seguir negociando, embora os representantes do Governo afirmassem que era a proposta final. E que, diante do risco da prorrogação da CPMF ser rejeitada, era preciso agilizar o fechamento do acordo e garantir aqueles pontos. Não teve jeito. No final da manhã, os representantes da Andes retiraram-se da mesa e avisaram que não compareceriam à tarde, quando o Proifes pretendia propor ajustes no texto do Termo de Acordo com o Governo.

A questão que se coloca não é aceitar ou não um acordo com o Governo. Isso faz parte dos processos naturais de negociação. O problema é de postura. A Andes pratica uma espécie de “não-sindicalismo”, traz à Mesa, quando participa de uma, sua proposta que é sempre a última, a “verdadeira”, e não se move um milímetro deste ponto. Pois seu objetivo não é negociar ou avançar, mas sim afirmar sua posição de desgastar os governos e preparar as greves. Isso não é papel de sindicato, mesmo de quem não tem registro sindical!

Essa postura não é mais aceita pela maioria dos docentes das Ifes, que votaram em massa em dezenas de Universidades nas consultas do Proifes e em assembleias, dizendo “sim” à aceitação da proposta. Algo de novo está ocorrendo no Movimento Docente. Não é por acaso que estão sendo fundados, até espontaneamente, Núcleos do Proifes em todo o País. Não é por acaso que os filiados da Adufrgs decidiram não participar do Congresso da Andes, e mais do que isso, abrir em março de 2008 o debate sobre seu relacionamento com aquela entidade.

Essa história ainda continuará, pois na primeira reunião de negociação da reestruturação da Carreira de Magistério do 1º e 2º graus, em 6 de dezembro, o Presidente da Andes, que no dia anterior disse “não” à proposta do governo, teve a coragem de usar a primeira pessoa do plural quando se referiu às conquistas obtidas com o acordo assinado na véspera entre Proifes e governo, chancelado pela CUT, entidade que deu a legitimidade sindical ao acordo. É uma enorme e desesperada tentativa da Andes de mascarar uma verdade que ela sempre tentou esconder, a de que só o Proifes negociou este acordo e irá assumir sozinho os ônus e os bônus. Só ao Proifes se deve a GED plena para os aposentados, a incorporação da GAE e a valorização da Carreira. Apenas o Proifes foi capaz de, consultando suas bases, aceitar a nova formulação do adicional de titulação, entendendo que no global a proposta é um avanço. A Andes tenta esconder que é hoje um “outsider” no movimento sindical. Não participa de nenhuma negociação importante, não está na Mesa que discute a Negociação Coletiva, não está na Mesa que debate o PLP01/07 e foi apenas um espectador na negociação salarial dos docentes das Ifes. Não está mais nos corações dos professores e ainda tenta dizer que “nós” conquistamos a GED plena!

Na coletiva concedida pelo secretário de Educação Superior do MEC, Ronaldo Mota, para anunciar o reajuste aos docentes do 3º grau, uma jornalista perguntou por que a Andes não estava ali, se havia participado das negociações. Polidamente, o secretário respondeu que a entidade participou ativamente do processo, mas não assinou o acordo, por decisão sua. Mais tarde, chegou a informação, através da imprensa, de que o acordo, segundo a Andes, não era válido e que em 2008, a referida entidade negociaria tudo de novo. Quem viver verá!

Por tudo isso que vivemos em 2007, temos certeza que estamos no limiar de grandes mudanças em 2008. Mudanças que virão da vontade soberana dos professores, que em sua grande maioria decidiram que era hora de assinar um acordo. Maioria que acredita que papel de sindicato de verdade é negociar e avançar, e não servir de aparelho para interesses particulares de grupos minoritários nas Universidades e na sociedade, que se valem das estruturas criadas por todos nós para financiar estudantes que publicizam suas posições, e para propagandear suas idéias.

Feliz 2008 para todos nós!

ÍNDICE

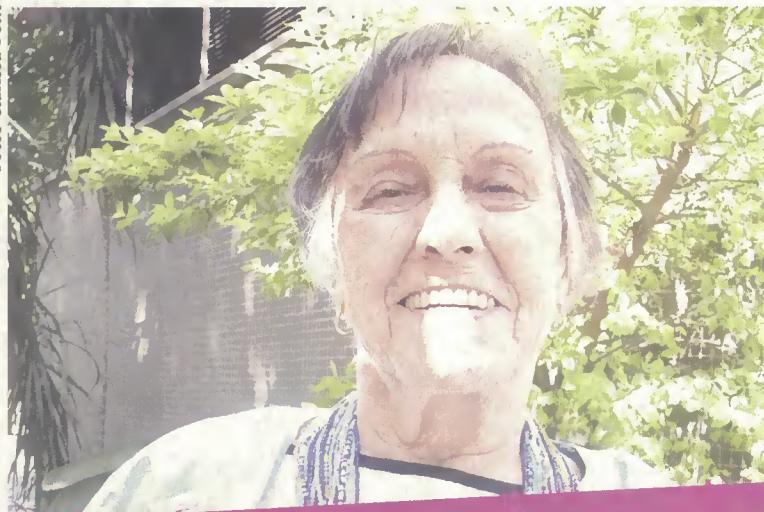
- 4 SEGURIDADE SOCIAL**
- 5 CONFRATERNIZAÇÃO DE FIM DE ANO**
- 6 ENTREVISTA**
John Holloway
- 10 LE MONDE**
Diplomatique Brasil
- 11 NOTÍCIAS**
Prêmio Açorianos de Literatura
Empreendedor Social 2007
- 12 VIDA NO CAMPUS**
- 14 CENTRAL**
Docentes do ensino superior obtêm melhores ganhos dos últimos 20 anos.
Negociações com professores da educação básica avançam e devem terminar até o fim de janeiro.
- 17 PRÊMIO FAPERGS**
Mais dois professores da Ufrgs recebem homenagem da Adufrgs
- 18 ARTIGO**
Matriz racial, invenção da décolonisation e DNA
por Henrique Caetano Nardi
- 20 PRESTAÇÃO DE CONTAS CONVÉNIOS**
- 21 OBSERVATÓRIO**
- 22 NAVEGUE**
- 23 ORELHA**
- 24 HIPERMÍDIA**
Arte às Margens do Rio
6ª Bienal do Mercosul
- 26 + 1**
- 27 A História de Quem Faz**

ENCONTRO

IDOSOS COMO CONSTRUTORES DE SEU PRÓPRIO DESENVOLVIMENTO

As políticas públicas voltadas para o idoso estiveram em pauta durante o 4º Encontro da "Red Continental de personas mayores de América Latina y El Caribe", que aconteceu em Porto Alegre no final de novembro. Durante três dias, representantes de vários países relataram experiências, falaram sobre o fortalecimento da rede e estabeleceram metas para o próximo biênio. O evento foi realizado com o apoio da Universidade Para a Terceira Idade (Uniti), ligada ao Departamento de Psicologia Social e Institucional do Instituto de Psicologia da Ufrgs e atualmente dirigida pela psicóloga e gerontóloga, Odair Perugini de Castro.

Fotos Clarissa Pont



Odair Perugini de Castro: "Quase todas as universidades do Brasil têm programas voltados para a terceira idade, mas os recursos são poucos, porque a mentalidade é de que os investimentos devem ser concentrados nos jovens, que são o futuro do País".



Nedda Cecchini: representante da Argentina continua no Secretariado Executivo da Red Continental de Personas Mayores de América Latina e El Caribe.

Participaram desta edição do encontro Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Guatemala, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru e Uruguai, que aprovaram o regimento da Rede; lutar pela incorporação da Guatemala, do Paraguai e do Uruguai, a partir de agora, como membros plenos da Rede; o regimento interno da Rede; um projeto de fortalecimento, onde se reitera o compromisso de unir esforços no sentido de buscar a unidade das organizações que compõem a Rede, tanto no meio urbano quanto no rural. Também foi eleito um novo secretariado executivo, formado por dois membros do anterior, que são Nedda Cechino (Argentina) e Edilia Camargo (Panamá), Carlos Loza (Bolívia) e Paulino Porras (Uruguai). As decisões do Encontro seriam levadas a "Cumbre de los Gobiernos de América Latina y Caribe", que aconteceu em Brasília no início de dezembro.

O tema aposentadoria é um dos muitos que são tratados quando integrantes da Rede se reúnem. E o que se percebe, pelos relatos é que as realidades não se diferem muito da brasileira, sendo algumas um pouco mais avançadas. Na Argentina, por exemplo, segundo Nedda Cechino, um avanço em relação ao Brasil é o fato de não haver cobrança para fins de previdência, após a aposentadoria, como foi instituído aqui na Reforma da Previdência de 2003. No entanto, o valor mínimo ainda é insuficiente, assim como no Uruguai, onde para ter vencimentos razoáveis, o trabalhador tem que pagar previdência privada paralela à pública.

0 que é a Rede

Com o intuito de impulsionar uma participação regional das pessoas idosas, líderes de organizações de vários países se reuniram em Lima, Peru, e lançaram a idéia de criar uma plataforma regional para acompanhar as políticas públicas voltadas para a maior idade. Em outubro de 2003, a Rede é criada formalmente durante o "II Encuentro de Líderes de Personas Mayores de América Latina y Caribe", ocasião em que são traçadas as metas e se forma um comitê coordenador. Dois anos depois, em Loja, Equador, acontece do 3º Encontro, onde são analisados os avanços em políticas específicas para a terceira idade em cada país. Entre os objetivos da Rede Continental estão criar um espaço de encontro e reflexão sobre a situação em que vivem os idosos na América Latina e no Caribe; estimular o desenvolvimento e fortalecimento de organizações de pessoas de terceira idade; analisar de forma crítica as políticas públicas voltadas para a terceira idade e montar uma estratégia para que as organizações exerçam o papel de vigiar e fiscalizar os cumprimentos das políticas nacionais e os pactos internacionais, em especial o "Plan Internacional de Acciones de Naciones Unidas sobre Envejecimiento".

<http://redcontinental-mayores.org/>



CASA LOTADA E MUITA ALEGRIA

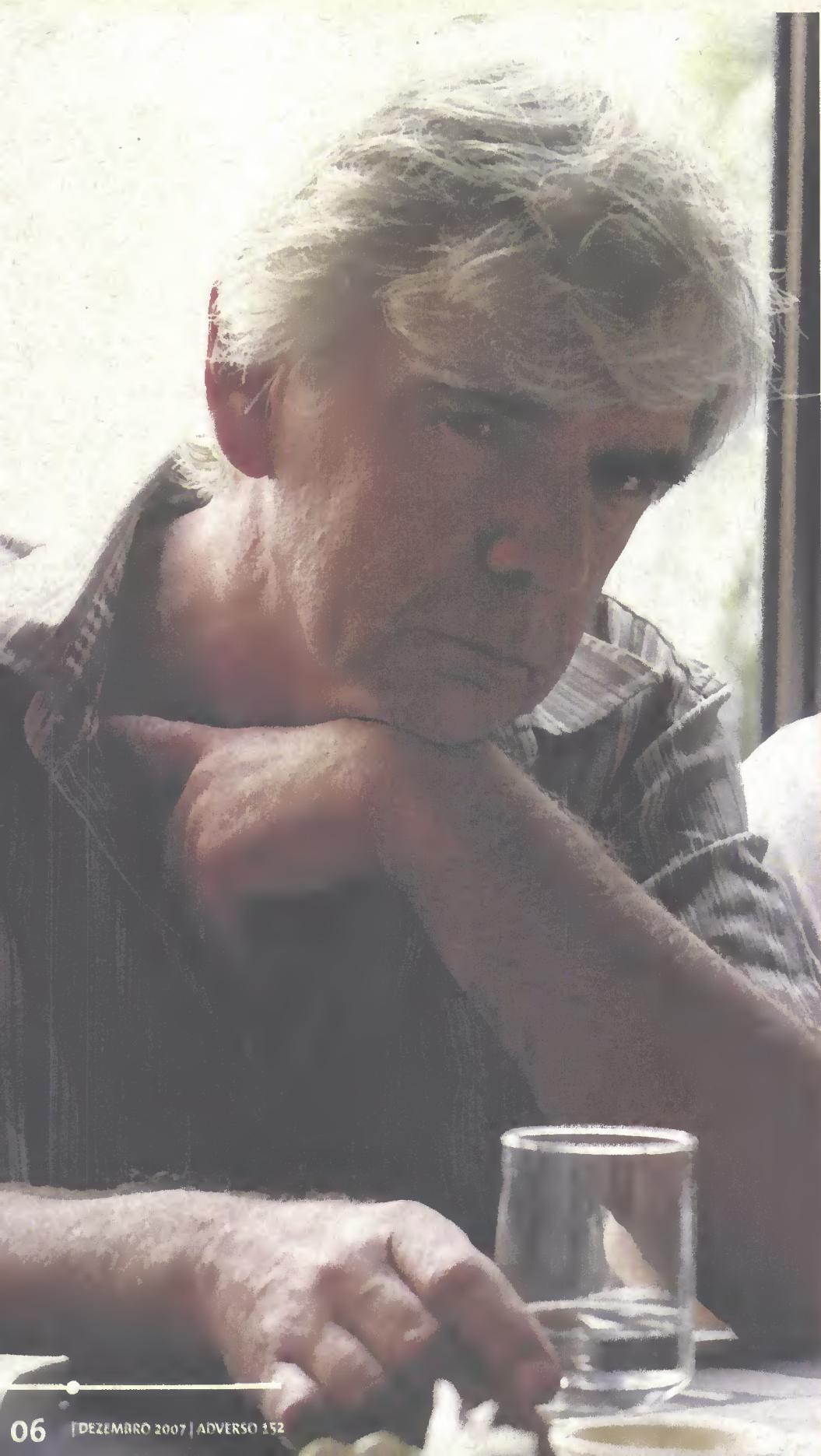
Festa de Confraternização de fim de ano da Adufrgs lotou o salão da Sociedade Italiana, no dia 9 de dezembro, e contou com a participação de professores da ativa e aposentados, familiares, pró-reitores e funcionários da Adufrgs.

Antes do jantar, houve a apresentação do Coral Infantil do Projeto Prelúdio, ligado à Ufrgs, que emocionou os presentes com canções natalinas. A participação de muitos aposentados chamou a atenção dos que sempre freqüentam as festas promovidas pela Adufrgs, assim como a presença maciça dos professores do Colégio de Aplicação. A disponibilização de um espaço de recreação infantil atraiu muitas crianças ao evento, o que também deu um ar especial à festa.

Em um breve discurso, o presidente da Adufrgs, Eduardo Rolim de Oliveira, lembrou o acordo fechado com o governo, considerado o melhor dos últimos 20 anos, e convidou todos a comemorar esta grande vitória dos professores das Universidades Federais. Após o sorteio de brindes, os convidados caíram na dança.

Fotos: Clarissa Pont, Maricélia Pinheiro e Adufrgs

MUDAR O MUNDO



A concepção de um marxismo autonomista, com a possibilidade de revolução nos atos diários de trabalhar nas fissuras do capitalismo e não na tomada do poder do Estado. O que os zapatistas promovem em Chiapas, o professor do Instituto de Ciências Sociais e Humanidades da Universidade Autônoma de Puebla (México), John Holloway, tenta teorizar.

por Clarissa Pont*
fotos Eduardo Seidl

O advogado, economista marxista e filósofo irlandês publica trabalhos associados ao movimento zapatista desde 1991. O principal deles é o livro *Mudar o Mundo sem tomar o Poder* (Editora Viramundo, tradução de Emir Sader), de 2002, escrito em parceria com o Subcomandante Marcos. Através de conceitos marxistas como a alienação e o fetichismo, a análise de Holloway considera que o capitalismo funciona pela separação entre o poder fazer e o poder sobre, termos cunhados por ele. O Estado participaria desta mesma lógica, e Holloway chega a afirmar que todos os movimentos de esquerda que chegam ao poder acabam por reproduzir, de uma maneira ou de outra, o capitalismo. Assim, segundo ele, a questão da revolução se deslocaria da tomada do poder do Estado para a transformação a partir das fissuras dentro do capital que cada um pode criar, como a utilização de software livre.

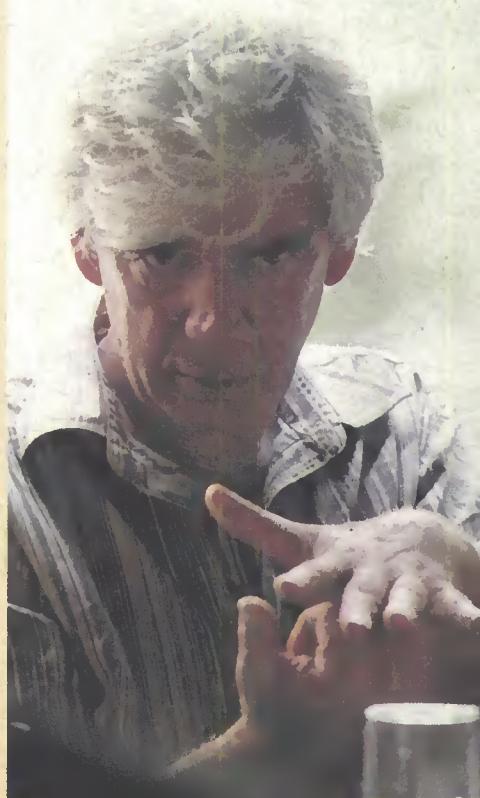
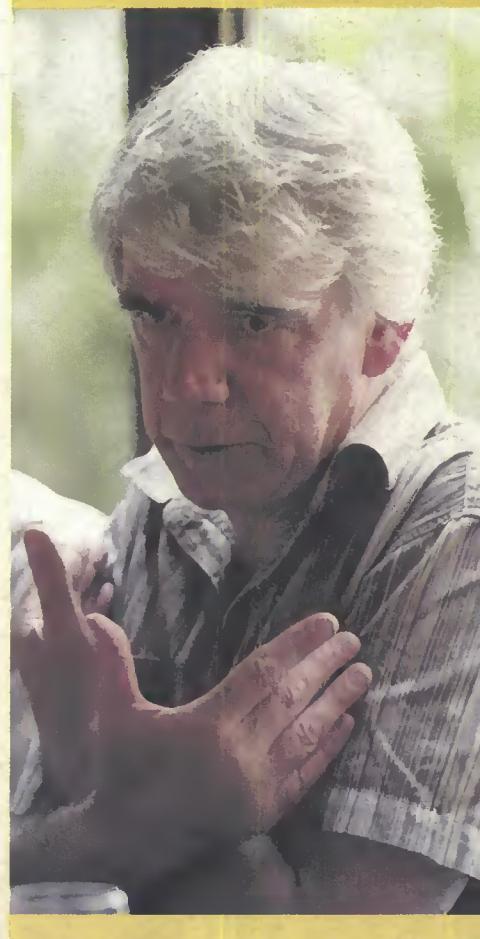
Para Michael Löwy, o livro de John Holloway "é um ensaio admirável, cheio de idéias sugestivas e verdadeiramente radical – no sentido original do termo. Quaisquer que sejam suas lacunas e imperfeições, mostra, de um modo exemplar, o poder subversivo e crítico da negatividade. Sua meta é ambiciosa e atual: refinar e aguçar a crítica marxista ao capitalismo". No entanto, Löwy, marxista e pesquisador do Centre National des Recherches Scientifiques (CNRS) em Paris, ressalva: "Uma das minhas principais objeções à discussão de Holloway sobre a questão do poder, antipoder e contrapoder é seu caráter extremamente abstrato. Ele menciona a importância da memória para a resistência, mas há muito pouca memória, muito pouca história em sua argumentação, pouca discussão dos méritos ou limites dos movimentos revolucionários reais, marxistas, anarquistas ou zapatistas desde 1917". Ainda segundo Löwy, o ponto mais polêmico é o que dá título ao livro. "Minhas objeções têm a ver com a idéia de democracia, um conceito que quase não aparece no livro, ou que é despachado como um processo definido pelo estado de tomada de decisão influenciada eleitoralmente. Penso que a democracia deve ser um aspecto central em todos os processos de tomada de decisões sociais e políticas e particularmente num processo revolucionário", explica Löwy. Além dele, intelectuais de todo o mundo, como Alex Callinicos, Atilio Borón e Miguel Urbano Rodrigues, têm polemizado com Holloway sobre as teses de Mudar o Mundo sem Tomar o Poder. Holloway esteve em Porto Alegre em novembro para participar do seminário Trabalho, Poder e Autodeterminação e conversou com a revista Adverso.

Adverso - Gostaria de ouvir do senhor como foi o desenvolvimento da sua concepção teórica. Onde seu pensamento converge e onde ele diverge do marxismo?

John Holloway - Eu não vejo assim, como uma questão de convergência ou divergência com o marxismo e não me interessa muito se sou marxista ou não. Para mim, sou sim. Mas não é questão de etiquetas, e sim de pensar como mudar o mundo finalmente. Venho de uma tradição marxista e me move dentro deste ambiente. A questão começa nos anos 70, quando houve todo um debate na Inglaterra sobre a questão da União Européia. E para entendermos isso, temos que pensar o que é o Estado, com entender um Estado. Nós começamos os debates, e um especialmente importante

sobre a derivação do Estado. Como entender o Estado e sua relação com o capital? A construção era entender o Estado como uma forma do capital, uma forma das relações capitalistas. O Estado é uma forma de relação capitalista, o que significa isso? O que nos dizem acerca dos limites do Estado e das possibilidades de ação dentro ou através dele? Chegamos, então, a uma idéia de que não é apenas questão de entender o Estado como uma forma de relações sociais com o capital, mas de entender estas formas como processos. A questão é entender o Estado como um processo de estatização das lutas, ou um processo de canalizar as lutas sociais dentro de certas formas de comportamento, certos tipos de relações sociais. E partindo deste princípio, obviamente não se pode pensar em usar o Estado para criar outro tipo de sociedade, porque ele é uma forma especificamente capitalista de relações sociais. O Estado canaliza e transforma as lutas sociais de forma que as reconcilie com a reprodução do capital.

Se não podemos mudar a sociedade através do Estado, então como? Como mudar o mundo sem tomar o poder, sem passar pelo Estado? Bueno, todo esse debate foi nos últimos anos da década de 70, e depois fui viver no México e houve o levantamento zapatista em 1994. Os zapatistas saíram dizendo que queriam mudar o mundo, aliás, não mudar o mundo, mas fazer um mundo novo. No entanto, a eles não interessava tomar o poder. Nesse sentido, houve uma convergência das minhas preocupações mais teóricas com a realidade das lutas que estavam surgindo no México. Como entender esta relação ou como conquistar a questão de mudar o mundo sem tomar o poder? Eu disse que o primeiro passo foi pensar no Estado como uma forma de relações sociais do capitalismo, um pouco como o valor o capital. O segundo passo foi pensar que esta forma de relações sociais deve ser entendida como um processo de formação. Marx falava das diferentes formas de relações sociais como formas fetichizadas, expressões do fetichismo da mercadoria. Isso é dizer que são expressões da coisificação das relações sociais. Por exemplo, o Estado não aparece como relação social, mas como uma coisa. A crítica clássica é dizer não, não são coisas, são relações sociais. O que, obviamente, é fundamental. Mas o argumento foi tratar de dar um passo mais e dizer que não somente são formas de relações sociais, mas são processos. O dinheiro, por exemplo, não é somente a existência de relações sociais na forma de uma coisa, mas é um processo de coisificação das relações sociais, então o dinheiro é um processo constante de impor





certas formas. O Estado também é um processo de estatização das relações sociais, pensando na Bolívia, por exemplo, o que está acontecendo no governo de Evo Morales é a estatização das lutas, a canalização de todas as lutas sociais através do Estado e através de certas formas de comportamento e linguagem. O que quero dizer é que o fetichismo, de uma forma geral, deve ser entendido como um processo, a coisificação deve ser entendida como um processo constante, uma luta constante, violenta todos os dias. Isso significa que o movimento anticapitalista deve ser entendido como um movimento antifetichista. Isso implica na luta contra, por exemplo, a canalização das relações sociais dentro das formas estatais. É uma luta pela criação e pelo fortalecimento de outras formas de organização, finalmente.

Adverso - O senhor poderia explicar os conceitos do poder fazer e do poder sobre?

John Holloway - Os zapatistas nos lançam um desafio teórico e prático porque dizem que querem mudar o mundo sem tomar o poder. E, obviamente, isso é uma loucura. Como podemos pensar nisso? O livro Mudar o Mundo sem Tomar o Poder é uma tentativa de pensar como podemos fazer isso. E isso para mim significava a idéia da luta como uma luta contra a fetichização. Isso pode ser visto em termos de poder, na idéia de que o conceito do poder tem dois significados. Falamos do poder como um "podemos fazer", temos o poder de organizar um colóquio, um evento. Podemos pensar isso como o poder fazer, aquilo que podemos fazer. No capitalismo, isso se converteu no contrário. Ou seja, para poder fazer, em geral, precisamos de acesso aos meios de fazer. Mas o capital é a expropriação desses meios de fazer. É a separação dos meios de fazer de quem vai fazer. Para que se tenha acesso ao fazer na sociedade capitalista temos que vender nossa força de trabalho ou nossa capacidade de fazer e então temos que fazer o que nos dizem. Aí é o capitalista que tem o poder de nos dizer o que temos que fazer. E o poder fazer se converte no contrário, que é o poder sobre. Esta é a luta capitalista, entre o poder fazer e o poder sobre.

Adverso - Como o senhor vê, então, a questão da Venezuela e Bolívia, países onde, indubitavelmente, mudanças começaram a acontecer a partir do momento que novas figuras assumiram a administração do Estado?

John Holloway - Se pensamos na Bolívia, por exemplo, ali o que vemos são as lutas que aconteceram entre os anos 2000 e 2005, lutas que tomaram formas não estatais, que não estavam organizadas como partidos ou em partidos. Não estavam tentando, a princípio, tomar o poder estatal, simplesmente estavam dizendo não ao Estado e manifestando a força da organização comunitária. Obviamente, as lutas estavam embasadas nas forças das formas tradicionais de organização comunitária indígenas. Em 2005, é proposto canalizar estas lutas na campanha eleitoral de Evo Morales e na eleição subsequente. Creio que é claro que esta eleição não quer dizer que as lutas já não existam, mas implica sim em uma burocratização de todo o processo. Já não é a luta de toda gente, agora os líderes do Estado assumem a responsabilidade de fazer certas mudanças sociais, mas no processo estão negociando com outros setores da sociedade, estão negociando com o capital. Há um processo de apaziguamento das lutas, um processo de exclusão de muita gente que estava envolvida antes. E o Estado mesmo está se comportando cada vez mais igual a um Estado como qualquer outro. Obviamente, não é o mesmo que o governo de direita anterior, mas é um processo de suprimir as rebeldias dos anos anteriores. Se não pensam assim, vocês podem pensar no Brasil, onde aconteceu um processo não muito diferente, talvez mais trágico.

No caso da Venezuela, é um pouco diferente porque ali há todo o movimento chavista com um papel mais central desde o princípio, desde muitos anos antes da eleição do Chávez. Mas este também é um processo muito contraditório, basicamente centrado no Estado, na reprodução de estruturas burocráticas. Penso em tudo isso em termos de um contrate entre dois tipos, ou dois conceitos, políticos. Ou dois conceitos de como mudar o mundo. Um deles seria uma política da dignidade, que é o grande conceito dos zapatistas. Isso quer dizer basicamente que a luta é contra a negação da dignidade, mas implica uma luta passada em reconhecimento da dignidade das pessoas, implica, portanto, formas de mobilização que respeitem as pessoas. Não monológicas, mas sim dialógicas. Formas de organização que incluem toda gente, assembleias, conselhos. Por outro lado, temos o que se pode chamar de política da pobreza, onde o ponto de partida é como podemos ajudar os pobres (que é um problema enorme na América Latina), mas pensando nos pobres como objetos. Se quisermos ajudar os pobres, temos que pensar

em estruturas outras e não em partidos, ou no Estado, ou em formas de política que aceitem a objetivação das pessoas. Elas podem até ter resultados importantes, como é o caso da Venezuela, é o caso da Bolívia e até certo ponto do Brasil também, como a campanha contra a fome. Mas esse tipo de política não resolve os problemas porque implica em uma reprodução das estruturas tradicionais, autoritárias e repressivas.

Adverso - Se não é pelo Estado, através de quais formas de luta a esquerda pode gerar consequências efetivas?

John Holloway - Pensa-se o Estado como um instrumento da classe dominante. Não podemos tomar o Estado como um instrumento, temos que desenvolver outras formas de relações sociais. E isso, na realidade, é parte de toda tradição anticapitalista desde o princípio. Há como duas tendências dentro do movimento anticapitalista, uma é a luta pelo poder, a organização em termos de partidos. A outra é a tradição da comuna, dos conselhos, das assembleias, das formas de organização assimétricas e não a forma de organização estatal.

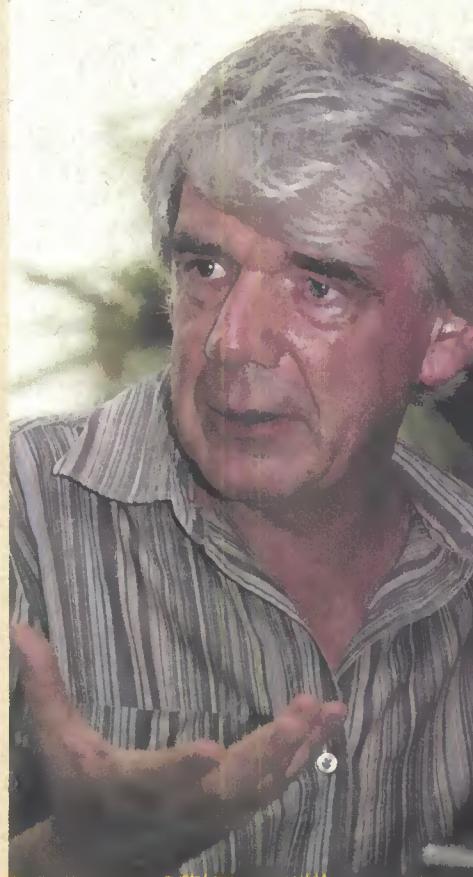
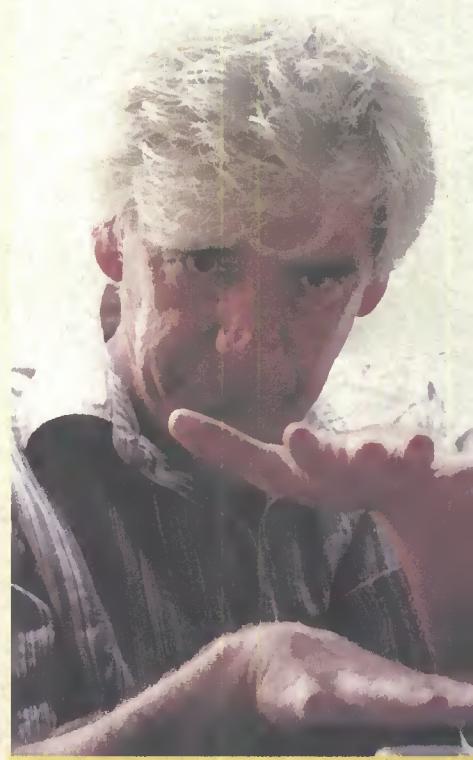
Adverso - O Movimento Sem Terra do Brasil concorda que assumir a administração do Estado não vai realizar toda a transformação necessária. Porém, discorda da visão de não tomar o poder e defende que a construção de um poder popular pode dar uma direção política para a sociedade. Existe um diálogo entre a visão do MST e dos zapatistas, apesar da diferença de projetos?

John Holloway - Não conheço suficientemente o que o MST está passando, mas creio que estão tratando sim de construir um poder popular, um poder fazer que comece de baixo e, através de suas ações, estão construindo um poder fazer social. O problema é a relação entre o poder fazer e o poder sobre. O que quero dizer é o momento das duas tradições dentro do movimento anticapitalista. Por um lado, a tradição de assembleias e conselhos, por outro lado a tradição do Estado como centro. É importante dizer que estas duas tradições são incompatíveis, antagônicas; digo isso porque muitas vezes se diz que não há contradição alguma. A idéia, por exemplo, do estado soviético foi uma tentativa de dizer que as duas coisas poderiam estar juntas, os conselhos e o Estado. Na realidade,

esta combinação ocultou a repressão violenta dos conselhos. O mesmo pode ser visto no exemplo da Venezuela atualmente. Dizem que estão tratando de construir um Estado tipo comuna, que querem abolir o estado burguês. Não há compatibilidade. No caso do MST, é uma situação difícil desenvolver o poder fazer por uma organização e relacionar-se como Estado, porque isso implica em outro tipo de organização, outro tipo de política. E até onde eu entendo há uma contradição dentro do próprio movimento. Para mim, o desenvolvimento desta construção do poder popular deveria implicar um distanciamento muito mais claro quanto ao Estado. Mas não conheço os detalhes.

Uma forma de ver este conflito entre o poder sobre e o poder fazer é em termos de fissuras. Há um conflito constante, há uma rebeldia constante do poder fazer contra o poder sobre. Mas essa rebeldia se concentra em certos lugares e momentos, uma forma de pensar nisso é pensando em fissuras. É dizer que, se pensarmos na dominação capitalista como um sistema de comando, muitas vezes a gente diz não e vamos fazer outra coisa. Esta negação, e a criação de alternativas, podem ser entendidas como uma fissura no tecido de dominação. Se pensarmos nos zapatistas, podemos dizer: aqui em Chiapas há uma fissura enorme, é onde a gente está dizendo que vai criar outra realidade. O mesmo aconteceu na Bolívia entre 2002 e 2005, o mesmo com os piqueteiros nas Assembleias Populares e nas fábricas recuperadas na Argentina. Ai as pessoas estão dizendo: não vamos obedecer o capital, não vamos obedecer o dinheiro. Uma fissura pode ser pequena, mas em alguns anos pode ser grande. Pode-se dizer não vou trabalhar hoje, não vou obedecer o dinheiro hoje, vou fazer o que eu quero fazer, o que me parece necessário. Pouco a pouco, o que passa é que no lugar de se ver o mundo como um sistema fechado de dominação, começamos a ver que em realidade o mundo está cheio de fissuras. Essas fissuras podem ser espaciais, como Chiapas, ou também podem ser fissuras no tempo, podemos dizer neste final de semana ou neste mês vamos romper com o capital e vamos fazer outra coisa. Vamos produzir zonas autônomas temporárias. Ou podemos pensar em certas atividades em relação à educação, à água, ao software ou à música. Podemos dizer: a nossa luta é para que o software não seja uma mercadoria, para que a educação não seja subordinada ao capital.

colaborou Daniel Cassol*



UM NOVO OLHAR SOBRE O MUNDO, UM NOVO OLHAR SOBRE O BRASIL

por Clarissa Pont

O Instituto Polis é quem assina a publicação, mas a iniciativa de lançá-la é de várias instituições e pessoas. Nomes ilustres dos meios intelectual, científico, artístico e políticos estão espalhados pelas páginas do Diplô, como é carinhosamente conhecido, e formam o conselho editorial. "É importante ressaltar que não se trata de uma publicação noticiosa, voltada à cobertura dos fatos correntes, mas de uma publicação reflexiva, que busca identificar, para além dos fatos, os cenários maiores que lhes conferem sentido e inteligibilidade", explica o Editorial da primeira edição.

O diretor da publicação, Silvio Caccia Bava, esteve presente no lançamento do Diplô em Porto Alegre, em novembro. "Vim para tornar conhecida nossa iniciativa aqui, que expressa uma colaboração e uma solidariedade pra tornar possível e acessível no Brasil aquilo que o Le Monde Diplomatique francês tem de mais importante, que é a interpretação do cenário internacional", diz. Essa história começa de fato em Porto Alegre, durante o I Fórum Social Mundial. "O pessoal do Le Monde francês já estava envolvido em discussões no primeiro Fórum. No segundo, o Instituto Polis fez o caderno Outro Mundo Urbano é Possível. E esse foi o começo de um percurso. Infelizmente, não temos na nossa imprensa uma leitura de acontecimentos do cenário internacional que nos ajude a perceber a capacidade de mudança que está se fazendo presente neste contexto. Nossa objetivo é esse. O próprio Fórum é uma demonstração disso. De 2001 até hoje, há uma caminhada e uma modificação muito grande no debate dos temas da crítica ao neoliberalismo, que é começar a discutir o futuro. O neoliberalismo não discute o futuro", sentencia Bava. "Acredito que poucos saibam, por exemplo, que nos Estados Unidos depois de 11 de setembro, 148 cidades, inclusive Nova Iorque, fizeram declarações nas suas câmaras municipais e votaram moções contra a invasão do Iraque. Isso nos mostra uma sociedade estadunidense distinta daquela que a gente conhece pela imprensa". Para Bava, a importância da disseminação de uma informação deste tipo tem de ser precedida pela "solidariedade da sociedade civil em enfrentar as questões depois de conhecê-las".

O Diplô também assegura que, em novos tempos, a imprensa alternativa precisa superar não apenas as idéias do jornalismo de mercado — mas também criar outras formas de produção de informa-



Sob esta sentença, foi lançado o Le Monde Diplomatique Brasil. Referência para uma imprensa mais justa, a publicação é a edição brasileira impressa do mensário francês Le Monde Diplomatique.

ção. A partir desta premissa, surgiu o Caderno Brasil. O Caderno Brasil pode ser acessado na página eletrônica www.diplo.com.br e tenta subverter o modelo das publicações clássicas, cujo conteúdo é quase inteiramente pautado e produzido por uma Redação, estruturada em rígida hierarquia. A intenção é, ao contrário, mobilizar todos aqueles que a internet permite articular. É mais um espaço aberto ao encontro de pessoas e iniciativas que vêm e narram o mundo a partir

de valores semelhantes do que um jornal acabado, com número de páginas, editorias, periodicidade e responsáveis fixos. Até agora, esta diversidade é constituída por um elenco aberto de colaboradores. Intelectuais e jornalistas como Ladislau Dowbor (que integra o Conselho de Gestão do Le Monde Diplomatique), José Luís Fiori, Roberto Cattani e outros. Pensadores não tão conhecidos, mas envolvidos em ações transformadoras e em reflexões originais e estimulantes também participam. Dalton Martins e Hernani Dimantas, do coletivo Meta-Reciclagem, assinam uma coluna sobre Redes Sociais. Carola Reintjes, baseada em Córdoba (Espanha) e uma grande referência internacional sobre Economia Solidária, escreve sobre o tema.

"Se assinarmos, estamos em risco de sobrevivência"

A conclusão é de um líder camponês da Associação de Agricultores Familiares e foi dita na Costa Rica, durante as manifestações contra a assinatura do tratado de livre comércio do pequeno país da América Central com os Estados Unidos. As manifestações sobre o plebiscito que questionava a assinatura do acordo reuniram mais de 100 mil pessoas nas ruas. "Com o tratado, os nossos produtos alimentícios não são competitivos com aqueles que vierem de fora e nós entraremos em estado de miséria", completou o agricultor. É exatamente este tipo de notícia que está invisível nas páginas da imprensa tradicional brasileira. "É interessantíssimo como um líder camponês que tem uma dimensão de trabalho bastante local consegue fazer uma relação com as questões internacionais de tal maneira a saber o que pode acontecer com a família e com o sindicato dele", analisa Bava.

PROFESSORES DA UFRGS RECEBEM PRÊMIO AÇORIANOS

Os professores da Ufrgs Antonio David Cattani e Lorena Holzmann, ambos do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), ganharam o Prêmio Açorianos de Literatura 2007 na categoria Ensaio de Humanidades, com a obra "Dicionário de Trabalho e Tecnologia". A cerimônia de divulgação e entrega aconteceu no dia 13 de dezembro, no Teatro Renascença.

O Prêmio Açorianos é o mais importante prêmio artístico da cidade de Porto Alegre. Instituído pela Prefeitura Municipal em 1977, inicialmente era direcionado apenas para teatro e dança. Em 1990, incluiu a música, quatro anos depois a literatura e em 2006 as artes plásticas. O nome do prêmio é uma homenagem aos açorianos, fundadores e primeiros habitantes da capital gaúcha.

Este novo Dicionário retoma a proposta de obra em construção desenvolvida no Dicionário Crítico de Trabalho e Tecnologia, cuja primeira edição data de

Luciano Lanes/PMPA



1997. Trata-se, agora, de uma nova obra, na qual o leitor encontra, para cada termo, uma definição, sua gênese e seu desenvolvimento histórico, correntes e controvérsias em torno do tema, assim como os principais autores e referências bibliográficas que possam orientá-lo na ampliação de suas investigações, se assim for de seu interesse. Obra de referência elaborada por uma equipe multidisciplinar, o novo dicionário apresenta,

criticamente, as dimensões do trabalho e da tecnologia que afetam atualmente a sociedade, as quais condicionam, de maneira problemática ou promissora, o futuro próximo.

Dicionário de Trabalho e Tecnologia
Antonio David Cattani e Lorena Holzmann
Editora Ufrgs
358 páginas
R\$ 62

TIÃO ROCHA É ELEITO O EMPREENDEDOR SOCIAL 2007

Foto: Vicari



Protagonista de uma história que reúne crianças, pés de manga, biscoitos "escrevidos" e muitas outras invencionices pra lá de roseanas, o mineiro Tião Rocha*, 59, fez o sertão virar mar de aplausos ao se tornar, no dia 21 de novembro, o Empreendedor Social 2007. O educador, que concorreu com outros 349 candidatos, é mentor do CPCD (Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento), organização que promove educação popular e desenvolvimento comunitário com uso de brincadeiras, bibliotecas ambulantes, teatro, música, criação de produtos e cursos. "Sou um privilegiado",

comemorou, logo após a cerimônia de premiação, realizada pela Folha de São Paulo em parceria com a Fundação Schwab, da Suíça.

Fundado em 1984, o CPCD já criou e adaptou mais de duas mil tecnologias a partir do saber popular para uso em escolas e comunidades de baixa renda. Com a pedagogia da roda e projetos como o Bornal de Jogos (que utiliza 150 jogos para o ensino de matemática, português e outras disciplinas), o instituto avançou sertão adentro – alcançou sete estados brasileiros – e atravessou o mar para desembarcar em Moçambique e em Guiné-Bissau, na África. Desde sua fundação, mais de 20 mil crianças e jovens ganharam voz com as iniciativas de Tião. "A vitória de Tião é uma comprovação de que, neste mundo em que queremos tudo instantaneamente, as idéias que inovam só vêm com o tempo. O empreendedor social precisa de muito tempo para fazer a diferença", ressaltou a diretora-executiva da Fundação Schwab, Pamela Hartigan. "Agora, com o prêmio, aumentam a minha responsabilidade e minha fé de que somos capazes de fazer um mundo melhor, por meio de todos esses projetos. E a gente começa a mudar tudo quando pensa em cuidar dos nossos tataranetos", concluiu o educador das veredas mineiras, sempre inspirado pelas letras de Guimarães Rosa.

Realizado pela terceira vez no Brasil, o prêmio Empreendedor Social busca identificar líderes de organizações – com ou sem fins lucrativos – que desenvolvem produtos ou serviços voltados à melhoria de comunidades marginalizadas. (Fonte: Folha Online)

* Tião Rocha foi entrevistado pela revista Adverso na série "Por que o Brasil não Aprende?", edição 148, de junho de 2007.

MEDICAMENTOS PARA ONDE VAI O REMÉDIO?

Faculdade de Farmácia da Ufrgs é responsável por levantar a questão no Estado ao realizar a segunda campanha Mês do Medicamento Vencido.

O diagnóstico de como se realiza o descarte de medicamentos no Brasil é preocupante. Não há sequer um consenso entre órgãos de vigilância sanitária, indústria, farmácia ou associações sobre o que fazer com o remédio que sobra ou vence na casa do usuário. A questão toma fôlego dentro da pesquisa acadêmica farmacêutica e motivou a criação de uma Comissão Especial sobre a destinação final dos medicamentos vencidos, na Assembléia Legislativa do Estado. "O farmacêutico está trabalhando muito com a questão do uso racional dos medicamentos, para que o usuário tenha o medicamento correto, na dose adequada, utilize-o e guarde-o da maneira certa. Começamos a perceber que se fala do uso correto, mas não sobre o descarte. O que as pessoas fazem com o medicamento que sobra na casa delas?", indaga a professora da Faculdade de Farmácia da Ufrgs Louise Jeanty de Seixas.

A pergunta mobilizou a faculdade em julho do ano passado, quando foi realizada a Campanha Mês do Medicamento Vencido. Na época, ocorreu uma coleta apenas na unidade, "só para tomar a temperatura", segundo Louise. "Muito material foi recolhido e o que

nos chamou atenção foi que não eram somente usuários que traziam, começou a aparecer material de farmácias que tinham medicamentos vencidos no estoque e descartavam aqui, postos de saúde, outras unidades da Ufrgs", diz. A demanda foi grande, mas nem todo resíduo foi aceito na Campanha. "Não havia solução para encaminhar tudo, tínhamos feito um acordo com um colega que trabalha com aterro de resíduos industriais perigosos. Combinamos que ele aceitaria esses medicamentos e só depois vimos como o volume era grande". Neste ano, a experiência foi repetida. "Ampliamos o tempo, de meados de setembro até final de novembro. A proposta também foi ampliada, além de recolher esses medicamentos e catalogá-los, também nos

propusemos a fazer palestras de orientação da população, numa iniciativa de extensão", explica. Os alunos foram treinados para trabalhar na unidade básica de saúde do Hospital de Clínicas. Duas vezes por semana, no saguão onde os pacientes esperam as consultas, eles realizam uma palestra de mais ou menos meia hora sobre os cuidados com o descarte dos medicamentos. Além disso, apresentam e distribuem um folheto de descarte correto.

Por que sobra remédio na casa do usuário? "Ele comprou a mais, ganhou uma amostra grátis, as embalagens apresentam dez comprimidos e ele deveria tomar apenas oito. Não deveria estar sobrando", afirma Louise. "Não vou dizer que exista uma tendência da indústria farmacêutica, mas o que se observa é que dificilmente o tamanho da embalagem corresponde à prescrição. Aí está uma coisa que a gente tem que investigar. Se o paciente fez tudo direitinho, foi no médico, consultou, pegou a receita, foi na farmácia, comprou e mesmo assim sobrou remédio na casa dele, alguma coisa está errada. No momento que pudermos detectar isso podemos começar a trabalhar em cima da indústria. A política de fracionar os medicamentos é uma iniciativa, mas passa por vários outros detalhes. Por exemplo, nos postos de saúde e nas farmácias populares, os medicamentos são fracionados na quantidade exata que tu vais precisar", informa.

A questão surge agora porque apenas nos últimos anos foi possível encontrar na literatura dados sobre contaminação, principalmente de fontes de água, por medicamentos. "No Brasil, esta pesquisa está recém começando. Os dados que temos são principalmente da Inglaterra, da Itália e da Espanha, onde restos de medicamentos estão sendo encontrados nas estações de tratamento de água e nos rios", informa Louise. Há quem diga que a contaminação da água por medicamentos ocorre por conta da eliminação na urina após a ingestão. "Quanto a isso, não se pode fazer nada, pelo menos por enquanto. O problema é aquilo que sobra. Existem muitas orientações do que se fazer com o remédio, como colocar no vaso sanitário e puxar a descarga. O remédio vai parar na água e está se acumulando. Existem opiniões de que a água diluiria o medicamento, mas há comprovações contrárias por conta das altas concentrações urbanas atuais. O remédio vai parar na água, e é essa mesma água que a gente bebe", explica.

Teoricamente, a indústria seria responsável pelo medicamento. A legislação diz que o gerador é responsável pelo resíduo que produz. O usuário, na ponta desta cadeia e separado da indústria por pelo menos por dois intermediários (a distribuidora e a farmácia), é quem fica desamparado. "Quem é o gerador? A indústria? Mas a indústria passou para o distribuidor, o distribuidor passou pra farmácia e a farmácia passou para o usuário", relaciona. "A farmácia deveria devolver para a distribuidora e a distribuidora, para a indústria. A



Atletas da Ufrgs ganham campeonato de Ginástica

A atleta Stefany Campos da Silva, do Núcleo de Esporte de Base de Ginástica Artística da Escola de Educação Física (Esef), ganhou o primeiro lugar no Campeonato Brasileiro de Ginástica Artística na categoria individual. Na categoria equipe, as atletas Stefany Campos da Silva, Fadna Campos da Silva e Bruna Campos da Silva ganharam o terceiro lugar. O campeonato foi realizado em Goiânia.

Novos membros da Academia Brasileira de Ciências

Três dos cinco representantes da região Sul escolhidos recentemente pela Academia Brasileira de Ciências são pesquisadores da Ufrgs. Jairo da Silva Bochi (Ciências Matemáticas), Cristiano Krug (Ciências Físicas) e Rafael Roesler, do Departamento de Farmacologia (Ciências da Saúde) ganharam assento na entidade como membros afiliados, categoria criada para incorporar jovens pesquisadores considerados talentosos, de acordo com o boletim "Notícias da Academia". A informação completa está disponível no endereço eletrônico abaixo.

www.abc.org.br/publicacoes/noticia_online.asp?item=506

Especialização em alimentos de origem animal

Estão abertas as inscrições para a 6ª edição do curso de especialização "Produção, Tecnologia e Higiene de Alimentos de Origem Animal", promovido pelo Centro de Ensino, Pesquisa e Tecnologia de Carnes (CEPETEC) da Faculdade de Veterinária. Com 375 horas de duração, este curso é direcionado à profissionais de nível superior ligados à produção e tecnologia de alimentos e tem por objetivo promover uma visão global na produção, tecnologia, higiene e vigilância de alimentos de origem animal e as bases científicas e tecnológicas do processamento destes alimentos. As inscrições devem ser feitas na Faculdade de Veterinária (Av. Bento Gonçalves, 8834, Bairro Agronomia). Outras informações pelo e-mail guiomar.bergmann@ufrgs.br, pelos telefones (51) 3308-9994 ou (51) 33089996.



indústria tem que ter soluções grandes porque o volume que ela produz é muito grande. A indústria normalmente apela para a incineração de resíduos químicos". O Rio Grande do Sul não possui incineradores. Apenas os estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia e Alagoas poderiam receber estes resíduos. Segundo Louise, no entanto, a incineração é um assunto polêmico, "porque afirmar que não sobra nada no final é muito relativo. É mais ou menos como jogar o medicamento no vaso sanitário de casa, não sobra nada para eu ver, mas está na água que eu vou beber. Não sobra nada para eu ver, mas está no ar que eu respiro. Incineração, para mim, não é a solução. E mesmo que fosse essa a solução, como é que quem está com os comprimidinhos em casa vai chegar até o incinerador? Na ponta, é o usuário que fica desamparado".

A solução no momento é descartar os medicamentos em aterros de resíduos perigosos. "Deve ser um aterro industrial, não sanitário. Esses produtos não são produtos orgânicos, são sintéticos. Não é apenas recolher os medicamentos, é entender porque eles sobram e trabalhar para que isso não aconteça. O número de incineradores vem crescendo. Mesmo o aterro deve estar associado a um trabalho muito forte de uso racional dos medicamentos. No momento, defendo o aterro para que possamos limpar a casa, mas não pode ser gerado mais resíduo", avalia. Em Comissão Especial, a Assembléia Legislativa do estado realizou um relatório sobre o tema. A criação de um programa semelhante ao do lixo reciclado para remédios fora da data de validade, a realização de um fórum com especialistas e controle do descarte de medicamentos de uso controlado são as principais conclusões do documento. O texto sugere ainda que o estado realize pesquisas para traçar o perfil epidemiológico da população, mostrando as reais necessidades de abastecimento de medicamentos. O documento revela que o Ministério do Meio Ambiente vê a necessidade urgente de comunicação entre os fabricantes de medicamentos, proprietários de farmácias e órgãos públicos para verificação real da demanda. Uma das sugestões do documento, no entanto, é a compra de um incinerador para o Estado.

CAMPANHA SALARIAL

ACORDO GARANTE MELHOR RESULTADO DOS ÚLTIMOS 20 ANOS

Termo de Acordo assinado entre o Fórum de Professores das Instituições Federais de Ensino Superior (Proifes) e o governo federal, no início de dezembro, põe fim a três longos meses de negociação. O resultado é considerado o melhor desde 1987, quando os docentes obtiveram a unificação nacional da carreira. Reajustes, que serão dados em três etapas, começam a ser pagos em março de 2008.

Maricélia Pinheiro
Texto e Fotos



Duvanier Paiva Ferreira, Secretário de Recursos Humanos do MPOG e Gil Vicente Reis de Oliveira, Presidente do Proifes, comemoram Termo de Acordo firmado no inicio de dezembro, que irá garantir reajustes para os professores do Ensino Superior Federal até 2010.

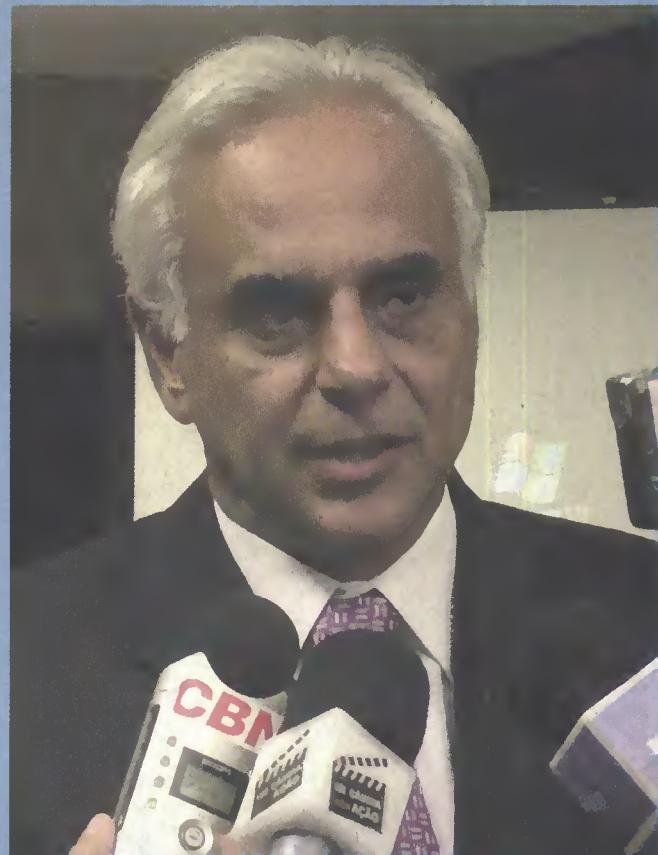
A valorização da carreira acadêmica, com aumentos maiores para quem tem maior titulação, é um dos pontos fortes do acordo, que contempla ainda reivindicações históricas como a incorporação da Gratificação de Atividade Executiva (GAE) ao Vencimento Básico (VB) e a equiparação da Gratificação de Estímulo à Docência (GED) entre ativos e aposentados, além do fim do caráter produtivista da mesma. Os reajustes, que de acordo com a classe, a titulação e o regime de trabalho representam reposição de perdas e ganhos salariais, começam a ser pagos em março de 2008. As etapas seguintes estão previstas para julho de 2009 e julho de 2010. Nesse espaço de tempo, o Proifes pretende discutir com o governo a reestruturação da carreira, sempre no sentido de corrigir as distorções salariais existentes hoje. Não há levantamento oficial do governo que indique qual será o impacto do aumento no orçamento federal, mas estima-se que seja de R\$ 1,7 bilhão em 2008, R\$ 2,4 bilhões em 2009 e próximo de R\$ 3 bilhões em 2010.

Para o secretário de Educação Superior do MEC, Ronaldo Mota, a sociedade será a maior beneficiada, na medida que os professores se sentirão mais estimulados a buscar qualificação e a exercer suas tarefas dentro da universidade. Mota lembrou que o Acordo "é fruto de um diálogo muito intenso e respeitoso e simboliza uma vitória de todas as partes, pois atende a demandas históricas dos professores, de forma muito especial tornando a carreira estimulante aos jovens doutores que estão ou pretendem ingressar nas universidades federais". Segundo ele, essa é uma tentativa de evitar "a sempre denunciada evasão de cérebros, porque não tínhamos condições de manter no País aqueles doutores altamente qualificados". O secretário disse ainda que todos os movimentos feitos até agora têm sido no sentido de criar mecanismos que possam diminuir as distorções salariais. "Agora, conseguimos contemplar professores da ativa e aposentados, os vários níveis da carreira e os vários regimes de trabalho, sendo que, sem dúvidas foram priorizados os de dedicação exclusiva e os em regime de 20 horas".

O presidente do Proifes, Gil Vicente Reis de Figueiredo, explicou que, com a incorporação da GAE, o percentual do Vencimento Básico em relação ao total de proventos será elevado de 20% para 50%. "Isso significa uma segurança para o professor, porque gratificações são penduricalhos adicionais". Com relação à GED integral para os aposentados, o presidente do Proifes lembrou que quando esta gratificação foi criada, em 1998, os inativos recebiam apenas 60% dela. "Houve uma trajetória ascendente de lá para cá, atingindo 81% em 2005 e agora conseguimos a GED plena", comemorou.

Gil Vicente destacou o esforço de ambas as partes, em todo o processo de negociação, de chegar a um consenso. "Não que sejamos contra a greve, mas achamos que esse deve ser o último recurso", disse. Para ele, o principal avanço está na valorização da carreira acadêmica, com aumentos significativos para quem tem doutorado, uma maneira de incentivar os que ainda não têm a fazê-lo. "Ganha não só o docente e a Universidade, mas o País como um todo, pois é importante que possamos atrair professores capacitados, que vão produzir conhecimento e contribuir para a autonomia da Nação", completou. Para o diretor de Relações Institucionais do Proifes e presidente da Adufrgs, Eduardo Rolim de Oliveira, "o Acordo consagra a vontade política de uma entidade, representativa dos professores, de discutir com o governo de uma forma autônoma, clara, colocando suas posições, e entendendo as limitações que existem em um processo negocial desse tipo".

A decisão do Proifes de assinar o Termo de Acordo foi tomada após ampla consulta a milhares de docentes federais de todo o País, que disseram "sim" à proposta do governo. A Andes se recusou a assinar e queria seguir negociando até que todas suas reivindicações fossem atendidas pelo governo, por isso optou não participar da segunda parte da reunião para debater os termos do acordo com os docentes do ensino superior. No entanto, recuando em relação à posição original, acabou assinando Termo de Compromisso juntamente com o Proifes e o Sindicato Nacional dos Servidores Federais da Educação Básica e Profissional (Sinasefe), para concluir as negociações sobre a Carreira do Magistério de 1º e 2º graus. Vale ressaltar que o documento foi elaborado sem a participação da Andes e segue as mesmas diretrizes do Termo de Acordo dos docentes do ensino superior, rechaçados anteriormente pela entidade.



Secretário de Ensino Superior do Ministério da Educação, Ronaldo Mota, anuncia fim das negociações de três meses: "Este resultado é fruto de um diálogo muito intenso e respeitoso e simboliza uma vitória de todas as partes, pois atende a demandas históricas dos professores."

EDUCAÇÃO BÁSICA

NEGOCIAÇÕES AVANÇAM E DEVEM TERMINAR ATÉ O FIM DE JANEIRO

No dia 17 de dezembro, representantes do governo, do Proifes, da Andes e do Sindicato Nacional dos Servidores Federais da Educação Básica e Profissional (Sinasefe) estiveram reunidos em Brasília para discutir a Carreira do Magistério de 1º e 2º graus. A previsão é de chegar a um acordo até o final de janeiro, para que esta parcela dos docentes das Ifes tenham seus salários reajustados em março de 2008, juntamente com os do ensino superior.

Em respostas aos questionamentos feitos na reunião do dia 6 de dezembro, representantes do governo adiantaram que a carreira do Magistério do Ensino Básico, Profissional e Tecnológico será só para os docentes vinculados ao MEC; a Gratificação por Atividade Executiva (GAE) e as Vantagens Pecuniárias Individuais (VPI) serão incorporadas e que a estrutura remuneratória será similar à proposta para o ensino superior – Vencimento Básico (VB) maior, gratificação de desempenho e incentivos à titulação, diferenciados por classe e padrão.

O representantes do MEC e MPOG informaram ainda que, pelo fato da GED e Gead, terem hoje naturezas jurídicas distintas, o governo ainda não sabe o que fazer com a Gead, mas a intenção é torná-la uma gratificação de desempenho variável. As relações entre classes e entre os níveis de cada classe não serão necessariamente iguais, no entanto, conforme o Termo de Compromisso firmado, a referência será o que foi definido para os docentes do ensino superior; a classe Especial será tratada como a de Associado; previdência e aposentadoria estão em processo de definição e quanto à titulação/progressão na carreira, uma vez reestruturada, o governo pretende fazer uma proposta com base na Carreira do Magistério Superior.

Durante a reunião, o presidente do Proifes, Gil Vicente Reis de Figueiredo, deixou claro que discorda da idéia do governo de tornar a Gead variável. "Ao contrário, queremos que a GED passe a ter o caráter de gratificação fixa, como a Gead, que de forma alguma deve mudar", disse. Opinião compartilhada pelo representante da Andes, Agostinho Beghelli Filho. O presidente da Andes, Paulo Rizzo, disse que a entidade vai apresentar alternativas para a equivalência da Gead com a GED e também critérios para a fixação de incentivos à titulação para as carreiras do ensino básico e do ensino superior, visando a superação das distorções existentes na proposta já assinada para os docentes do ensino superior.

Diante desse fato, Gil Vicente lembrou que, de acordo com o Termo de Compromisso, assinado por todas as entidades e pelo governo, a revisão da tabela remuneratória da Carreira de Magistério do 1º e 2º Graus será feita buscando-se a aproximação com a tabela remuneratória definida para os docentes da Carreira do Magistério

Superior, o mesmo valendo em relação aos valores do adicional da titulação. "Caso contrário, se caracteriza o rompimento do Termo de Compromisso", enfatizou Gil Vicente. Paulo Rizzo rebateu dizendo que o que a Andes iria propor era uma concepção diferente da já aprovada para o ensino superior. "Acho que a nossa entidade tem o direito de fazer isso", argumentou.

A proposta do Proifes

A proposta encaminhada ao governo no dia 13 de dezembro pelo Proifes – formulada a partir das deliberações do 3º Encontro Nacional da entidade e da Reunião Nacional promovida pelo Proifes nos dias 12 e 13 de dezembro – foi apresentada à Mesa. No texto constam remunerações totais, vencimentos básicos, incentivos à titulação e gratificações para os docentes do ensino básico iguais às concedidas aos professores do ensino superior no Termo de Acordo assinado em 6 de dezembro, para classes equivalentes e mesmo nível, titulação e regime de trabalho; extinção das classes A e B, com a passagem dos que aí estão para a classe C, nível 1, e, ao mesmo tempo, criação de uma nova classe, F, equivalente à de Associado.

Ao apresentar a proposta Gil Vicente enfatizou que, sendo as novas regras de progressão para o ensino básico análogas às existentes para o ensino superior, será essencial que haja disposições transitórias, de maneira que os atuais docentes do ensino básico não sejam prejudicados, podendo progredir para a classe imediatamente superior àquela em que estão, de acordo com as regras atuais.

Até 9 de janeiro, o governo deve enviar às entidades uma proposta com a estrutura da carreira do ensino básico e a correspondente estrutura remuneratória. Novas reuniões estão marcadas para 18 e 22 de janeiro de 2008. No dia 19 de dezembro, a diretoria da Adufrgs esteve na Escola Técnica da Ufrgs e no Colégio de Aplicação para saber dos professores o que eles consideram fundamental nesse processo de reestruturação da Carreira do Magistério de 1º e 2º graus. O fato causou uma certa surpresa, uma vez que muitos disseram que nunca haviam recebido a visita da diretoria da Adufrgs com a finalidade de ouvir os seus anseios enquanto docentes federais.



Diante de um certo temor com relação ao não cumprimento, por parte do governo, dos termos de Acordo e de Compromisso assinados no dia 5 de dezembro, em decorrência do fim da CPMF, o Proifes lançou uma nota de esclarecimento onde afirma que "exigirá o cumprimento dos Termos assinados e não aceitará, em hipótese alguma, que o fim da CPMF e a decorrente queda de arrecadação do governo sejam utilizados como argumentos para o

descumprimento, no todo ou em parte, de qualquer um dos itens constantes do Termo de Acordo já firmado, nem tampouco para a suspensão e/ou não finalização, dentro dos parâmetros pactuados, das negociações com os docentes do ensino básico, em curso, também legitimadas pelo Termo de Compromisso assinado". (íntegra do documento disponível no www.adufrgs.org.br, seção documentos/campanha salarial)

Prêmio Fapergs 2007

MAIS DOIS PROFESSORES DA UFRGS RECEBEM HOMENAGEM

Docentes da Ufrgs premiados pela Fapergs foram homenageados pela Adufrgs no mês de dezembro, aumentando para 11 o número de agraciados vinculados à Universidade. Embora Nilton Bueno Fischer e Paulo Michel Roehe, que receberam o prêmio Pesquisador Destaque nas áreas de Educação e Psicologia, e Ciências Agrárias, respectivamente, constem na lista como pesquisadores da Unilasalle e Fepagro, ambos estão ligados a Ufrgs e fazem parte do quadro de associados da Adufrgs. Abaixo, eles falam um pouco a respeito do trabalho de pesquisa desenvolvido ao longo da carreira acadêmica e sobre a importância da premiação.

Nilton Bueno Fischer

"A premiação da Fapergs, como pesquisador destaque nas áreas de psicologia e educação, ano 2007, é de grande importância para a comunidade acadêmica do Rio Grande do Sul, pois sinaliza a retomada do 'reconhecimento' de parte de uma agência de 'fomento' regional ao trabalho de pesquisa de profissionais em instituições gaúchas.

Na minha área em particular e mais especificamente na 'educação', onde atuo como professor de ensino médio e fundamental desde 1969, esse momento se reveste de singular emoção por incorporar toda uma trajetória que combina as inserções profissionais no campo do ensino, da extensão e da pesquisa, em todos os níveis (fundamental, médio e superior).

Além disso, a área da educação popular, minha escolha pessoal, profissional e política, se mostra cada vez mais fértil, na medida em que representa uma densa história desde o final dos anos 50 até o presente, incorporando tanto os 'movimentos' da ciência, a inquietação dos pesquisadores, os mais diversos temas a ela relacionados e bem como as mudanças nas composições de forças que governaram nosso



País, passando por um período de repressão e controle do pensamento libertador e orgânico aos setores populares, tanto na educação formal como em outros territórios de sua complexa e desafiadora expressão.

Meus trabalhos estão, nos últimos 15 anos, centrados nas populações de periferia urbana que trabalham, sobrevivem e constroem identidades a partir da reciclagem do lixo (matéria prima) seco, especialmente na região metropolitana e com ênfase na Unidade de Reciclagem da Associação Rubem Berta (zona norte). Estão publicados em torno das relações que se instituem em torno dessa incrível experiência humana que tenta recompor os fragmentos de uma população que sinaliza esperança e superação frente às adversas condições materiais de vida.

Também tenho, ao longo da carreira de pesquisador, assumido funções no campo da gestão pública. Fui secretário municipal de educação por 10 meses em 1993, no primeiro governo Tarso Genro aqui em Porto Alegre; coordenador do PPGEdu/Ufrgs durante oito anos; presidente do Fórum de Coordenadores de Pós-Graduação; vice-presidente da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped); secretário-geral e coordenador do GT Movimentos Sociais e Educação".

Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Educação/Ufrgs

Paulo Michel Roehe

Doutor em Virologia pela University of Surrey, Reino Unido, Paulo Roehe atua há 30 anos como pesquisador no Instituto de Pesquisas Veterinárias Desidério Finamor (IPVDF) e há 15 na Ufrgs. Tem experiência na área de Microbiologia, com ênfase em Virologia animal, atuando principalmente na pesquisa e desenvolvimento de vacinas e testes diagnósticos. A equipe coordenada por Roehe responde por expressiva parcela da produtividade científica do IPVDF e da Fundação Estadual de Pesquisa Agropecuária (Fepagro) e sua relevante contribuição à classe médico-veterinária rendeu-lhe o prêmio Destaque 2006, oferecido pela Associação de Sociedades de Classe dos Médicos Veterinários.

É pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), foi integrante de comitês assessores de pesquisa científica em diversas entidades, incluindo CNPq, Programa de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico



(PADCT) e Fapergs. Atualmente é consultor ad hoc do CNPq, da Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul (Fundect) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig), além de assessor de laboratórios e empresas privadas para o desenvolvimento de vacinas víricas e testes diagnósticos.

Desenvolveu vários produtos, muitos destinados ao melhoramento do diagnóstico de infecções víricas de animais domésticos, particularmente com o vírus da raiva, pestivírus e com herpesvírus de suínos e bovinos. Dedica-se especialmente à pesquisa e desenvolvimento de vacinas para infecções víricas, onde se destaca a primeira vacina produzida no Brasil contra rinotraqueite infecciosa bovina. Mais recentemente, destaca-se a vacina diferencial contra BoHV-1 (herpesvírus bovino), que permitirá a imunização de bovinos e a diferenciação entre animais vacinados e infectados. Além de diminuir as perdas dos produtores, a vacina será utilizada como ferramenta de controle e futura erradicação da doença.

Professor associado do Departamento de Microbiologia do Instituto de Ciência Básica da Saúde (ICBS/Ufrgs)

FRANÇA

MATRIZ

Raciais

INVENÇÃO DA DÉCOLONISATION E DNA

O "universalismo francês" e a política
de imigração na França da direita "descomplexada"

por Henrique Caetano Nardi

A compreensão da polêmica francesa em torno da "exigência facultativa" do teste de DNA para o reagrupamento familiar de imigrantes, proposta pelo governo de Nicolas Sarkozy, exige um esforço de análise de caráter genealógico para que possamos mapear as condições políticas da emergência do debate. Não proponho aqui uma análise derivada de uma pesquisa que obedeça os critérios de exigência acadêmica, pois tenho plena consciência de meus limites como pesquisador neste campo, além disso, não se trata do objetivo deste texto e tampouco de espaço possível para uma análise desta ordem. O que apresentarei aqui recorre a um formato ensaístico, escrito por um pesquisador brasileiro que vive atualmente na França e que tem acompanhado este debate no meio acadêmico e na mídia como um estrangeiro que busca entender os movimentos da sociedade que o recebe. Trata-se, portanto, de uma análise entre outras tantas possíveis e certamente criticável pela fragilidade da demonstração.

Alguns momentos da história da França são decisivos para que possamos entender o quadro contemporâneo e buscarei apoio em alguns livros que ajudam a compreender a configuração política francesa atual, a qual deriva de uma relação difícil com seu passado colonial e com as derivas racistas que constituiram a nação na modernidade.

O primeiro deles trata do período da hierarquia racial que legitimava a escravidão nas colônias francesas e que se mantém hoje através de uma relação racializada com os "territórios" e "departamentos" de além mar (os chamados DOM-TOM) e com as ex-colônias francesas do Maghreb e da chamada África negra. O livro de Elsa Dorlin "A matriz da raça, uma genealogia sexual e colonial da nação francesa" (La matrice de la race : généalogie sexuelle et coloniale de la nation française, Paris, La Decouverte, 2006), discute a construção de um discursivo científico-econômico

no século 18 que afirmava que a nação francesa deveria ser fundada por uma matriz branca única, realizando uma inversão da teoria vigente dos humores que estabelecia uma hierarquia entre homens e mulheres. A nova hierarquia posicionava os homens negros como inferiores às mulheres brancas (as mulheres negras foram classificadas num nível selvagem, semi-humano). A justificativa ideológica da escravidão nas colônias passou então do argumento religioso (os negros não têm alma) à justificativa científica (inferiores, portadores de uma constituição mal sã por natureza). Já nos séculos 19 e 20, a anexação das colônias do Maghreb e da África Subsahariana se sustenta em uma lógica de dominação que se constrói no limite entre uma essencialização biológica (a raça) e uma perspectiva "civilizatória". Sendo a cultura francesa afirmada como superior, a justificação da dominação colonial se fez a partir de uma "valorização" dos territórios, ao aportar a cultura aos nativos atrasados, aos povos incapazes de fazer sua história, pois presos em uma fase "infantil" e atados à tradição. A lógica deste processo é brilhantemente descrita por Todd Shepard no seu livro "A invenção da descolonização: a guerra da Argélia e a reconstituição da França" (The Invention of Decolonization: The Algerian War And the Remaking of France. Cornell University Press, 2006). Shepard demonstra a incapacidade francesa de suportar a alteridade no respeito ao outro quando o "universalismo francês" não é aceito como universal. Ele retoma o termo utilizado por De Gaulle (a descolonização) para explicar a saída da França da Argélia como um processo "natural" da história e assim negar a guerra e a derrota francesa. A representação na mídia da Argélia francesa, dos pieds noirs e dos argelinos pré-guerra e a transformação desta representação no pós-guerra mostram a ambiguidade francesa e a permanente tensão entre o "francês de origem" e o imigrante (dos países pobres, evidentemente). A aceitação do outro como sujeito somente se faz quando este se conforma aos "princípios civilizatórios" próprios à élite francesa e os valores

afirmados pelo iluminismo e fundadores do ideal republicano.

O argumento de uma África incapaz de fazer história e de um povo atado e preso à tradição, ou seja, uma forma culturalista de racismo que foi recentemente retomada no já famoso discurso de Dakar do presidente Nicolas Sarkosy. Este discurso foi motivo de polêmica na França, de repúdio no Senegal (ele pronuncia este discurso na Universidade, frente a estudantes e professores) e de condenação na ONU. O relator especial encarregado da questão do racismo das Nações Unidas, Doudou Diène, afirmou que o discurso do presidente francês "se inscreve em uma dinâmica de legitimação do racismo" (*Le Monde*, 10/11/2007, p.6).

A criação de um ministério da Imigração e da Identidade Nacional, alvo de vivo debate durante a campanha presidencial, anuncia uma virada francesa no que se refere a uma mudança de rumo no que tange a presença dos estrangeiros no seu território. Instaura-se neste momento uma política de "imigração escolhida (migration choisie)", que busca definir que composição da população a sociedade francesa terá no futuro. Paradoxo permanente de um país, cujo conselho constitucional aprova o princípio dos testes de DNA para a comprovação do vínculo familiar (com múltiplas restrições), o que é proibido no que tange aos cidadãos franceses, mas nega a possibilidade de conhecer composição de sua população, via inclusão de perguntas relativas à cor e origem, as chamadas "estatísticas étnicas" (reivindicação do recente Conselho Representativo das Associações Negras - Cran).

A campanha presidencial foi marcada por um vigor nacionalista, no qual a direita "institucional" apropriou-se do discurso da extrema direita como forma de se eleger e de afastar o pavor da identificação da França com o Front National de Le Pen (basta lembrar que Le Pen esteve presente como candidato à presidência no segundo turno de 2002). Trata-se de uma afirmação de uma direita "descomplexada" sem medo de lançar debates que lembram as derivas facistas da história européia recente. A configuração geopolítica do voto mostra uma vitória expressiva de Sarcozy nas pequenas cidades e no interior, uma população que não vive os efeitos da dita "insegurança" derivada do "perigo islâmico" que se gesta na periferia e que no seio das populações identificadas como originárias da migração (mesmo que os jovens sejam já a segunda geração ou terceira geração a nascer em território francês). A crise (ou rebelião) da periferia em 2005 (cuja tensão se mantém e explode a cada incidente de confronto com a polícia) foi utilizada como detonador deste medo (uma estratégia muito próxima a de George Bush). Dois livros são importantes para compreender este fenômeno de estigmatização da periferia, da fobia social em torno da ameaça islâmica, e da afirmação de um racismo cultural que se constrói como forma explicativa da desigualdade social e do "apartheid" urbano francês. O primeiro deles foi organizado por Didier e Eric Fassin "Da questão social à questão racial? Representar a sociedade francesa" (*De la question sociale à la question raciale? Représenter la société française*; La Découverte, 2006), e o segundo é o último livro de Robert Castel "A Discriminação negativa: cidadãos ou nativos?" (*La discrimination négative: citoyens ou indigènes?* La République des idées/Seuil, 2007).

Estes livros nos ajudam a compreender como a questão social

francesa se associa a uma racialização dos problemas sociais, produzindo uma determinação cultural na melhor das hipóteses, e genética na pior delas, para a desigualdade social. Castel nos mostra como a geração dos imigrantes que vieram à França para suprir as necessidades de mão de obra para o parque industrial que cercava as grandes cidades realizou sua integração via trabalho e que hoje os filhos e netos destes imigrantes, nascidos em solo francês e educados pelas escolas da República, não encontram trabalho na França desindustrializada e enfrentam toda sorte de discriminação em razão de sua origem. O caráter racista da discriminação na educação, no acesso à moradia e ao emprego tem sido encoberto pelo véu do republicanismo universalista francês que proíbe estatísticas que incluem dados etnorraciais (cor da pele, identificação a uma cultura específica, religião), pois são considerados como uma invasão da vida privada e uma porta aberta ao comunitarismo e ao multiculturalismo identificados como destruidores do princípio da igualdade de direitos e da unidade republicana. A falta de incorporação pela cultura francesa das contribuições dos povos das antigas colônias e a consequente ausência de uma imagem positiva para a construção identitária destes jovens produz um vazio cultural e um déficit de cidadania (como formula Castel) que produz violência. Este processo é enfatizado pela negação do presidente Sarkosy de qualquer forma de arrependimento oficial ou de culpabilização nacional com relação aos efeitos da dominação colonial.

Podemos associar, mesmo que de forma sutil e indireta, este racismo culturalista a uma dimensão "genética" (ou, mais especificamente, reduzida ao corpo), uma vez que a primeira versão da emenda relativa à exigência dos testes de DNA se justificava pela incapacidade administrativa dos países africanos de manter o registro civil, o que restringiria a descendência a um vínculo genético. Ou seja, a adoção e outras formas de composição familiar são negadas, a palavra de um africano não teria valor, assim como os documentos produzidos pelos países de origem.

A França de Sarkosy já nasceu marcada por um debate em torno dos usos da genética, que já tinha sido apontada pelo presidente durante a campanha como causa da pedofilia e do suicídio. Cabe ressaltar que o apelo aos testes de DNA causaram um mal estar na esquerda e naqueles que guardam na memória as marcas de seu uso durante a segunda guerra. O mal estar em torno do tema da imigração também se fez presente na ausência de qualquer representante político na recente inauguração do museu da imigração e na demissão coletiva do grupo de historiadores que fizeram parte do projeto.

A polêmica em torno do DNA é reveladora de uma França que tem dificuldade de lidar com seu passado, o chamado "universalismo" francês tem sido incapaz de aceitar a diversidade, ou pelo menos, esse é o rumo dado pela direita "descomplexada" que está no poder.

Professor do Departamento e Mestre em Psicologia Social e Institucional e pós-doutorando (bolsista Capes) no Instituto de Recherches Interdisciplinaires sur les Enjeux Sociaux (IRIS) da Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales de Paris.

BALANÇETES – VALORES MENSAIS - 2007

RUBRICAS / MESES	JUL
ATIVO	3.579.370,78
FINANCEIRO	3.325.167,98
DISPONÍVEL	1.026.551,27
CAIXA	1.682,05
BANCOS	3.930,38
APLICAÇÕES C/LIQUIDEZ IMEDIATA	1.020.938,84
REALIZÁVEL	2.298.616,71
APLICAÇÕES FINANCEIRAS A CURTO PRAZO	2.259.958,78
APLICAÇÕES FINANCEIRAS	2.259.958,78
ADIANTAMENTOS	5.636,68
ADIANTAMENTOS A FUNCIONÁRIOS	5.188,68
ADIANTAMENTOS DIVERSOS	450,00
OUTROS CRÉDITOS	31.114,19
OUTROS DEVEDORES OU CRÉDITO	31.114,19
DESPESAS DE EXERCÍCIOS SEGUINTE	1.905,06
PRÉMIOS DE SEGURO A VENCER	1.905,06
ATIVO PERMANENTE	254.202,80
IMOBILIZADO	240.947,00
BENS IMÓVEIS	258.103,71
BENS MÓVEIS	145.388,69
(-)DEPRECIAÇÕES ACUMULADAS	(162.545,40)
DIFERIDO	13.255,80
SISTEMAS PROCESSAMENTO DADOS	12.071,48
BENFEITORIAS EM BENS DE TERCEIROS	16.425,74
(-)AMORTIZAÇÕES ACUMULADAS	(15.241,42)

PASSIVO	3.347.746,59
PASSIVO FINANCEIRO	42.996,71
OBRIGAÇÕES OPERACIONAIS	15.473,23
OBRIGAÇÕES FISCAIS E SOCIAIS	6.416,96
OBRIGAÇÕES COM O PESSOAL	0,00
OBRIGAÇÕES DIVERSAS	1.625,00
CREDORES DIVERSOS	7.431,27
OBRIGAÇÕES PROVISIONADAS	27.523,48
PROVISÕES P/ENCARGOS C/PESSOAL	27.523,48
SALDO PATRIMONIAL	3.304.749,88
ATIVO LÍQUIDO REAL	2.960.080,88
SUPERAVIT ACUMULADO	344.669,00

ADUFGRS – ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES DA UFRGS	FOLHA 2
RUBRICAS / MESES	JUL
	ACUMULADO
RECEITAS	170.186,95
RECEITAS CORRENTES	136.518,20
RECEITAS DE CONTRIBUIÇÕES	136.518,20
RECEITAS PATRIMONIAIS	29.997,14
RECEITAS FINANCEIRAS	29.984,98
RECEITAS PATRIMONIAIS DIVERSAS	12,16
RECEITAS DE ATIVIDADES SINDICais	1.450,17
PARTICIPAÇÕES EM AÇÕES COLETIVAS	1.450,17
OUTRAS RECEITAS	2.221,44
RECUPERAÇÃO DE DESPESAS	2.221,44
DESPESAS	149.257,89
DESPESAS CORRENTES	149.257,89
DESPESAS COM CUSTEIO	39.968,39
DESPESAS COM PESSOAL	22.192,76
DESPESAS COM OCUPAÇÃO E SERVIÇOS	4.707,13
DESPESAS DE EXPEDIENTE	1.451,71
DESPESAS TRIBUTÁRIAS	657,92
SERVIÇOS DE TERCEIROS	4.082,18
DESPESAS DE CONSERVAÇÃO E MANUTENÇÃO	3.394,47
DEPRECIAÇÕES E AMORTIZAÇÕES	2.080,34
DESPESAS GERAIS DE ADMINISTRAÇÃO	1.368,08
ENCARGOS FINANCEIROS	33,80
DESPESAS COM ATIVIDADES SINDICais	62.941,15
DESPESAS COM OCUPAÇÃO E SERVIÇOS	862,91
DESPESAS COM VEICULAÇÃO	3.184,00
DESPESAS COM VIAGENS	7.654,03
DESPESAS COM ATIVIDADES SÓCIO-CULTURAIS	3.203,08
DESPESAS C/ATIVID. POLÍTICO-ASSOCIATIVA	22.598,08
DESPESAS COM PUBLICAÇÕES	22.039,05
DESPESAS DIVERSAS ASSOCIATIVAS	0,00
DESPESAS COM ATIVIDADES SINDICais	3.400,00
TRANSFERÊNCIAS CORRENTES	46.348,35
CONTRIBUIÇÕES PARA O ANDES	27.303,64
CONTRIBUIÇÕES PARA A CUT	7.524,11
CONTRIBUIÇÕES PARA O PROIFES	11.520,60
RESULTADO LÍQUIDO DO MÊS	20.929,06
RESULTADOS ACUMULADOS DO EXERCÍCIO	231.624,19

EDUARDO ROLIM DE OLIVEIRA Presidente	NINO H. FERREIRA DA SILVA Contador - CRC-RS 14.418
---	---

LAZER**Meridien - Hotéis Conveniados**

Desconto de 50% na aquisição do título

Rua dos Andradas, 1234/1107, Centro

(51) 3224.8283

Porto Alegre/RS

Principais vantagens do associado Meridien

7 diárias por ano, para duas pessoas, com café da manhã, em apartamento standart-duplo, nos hotéis conveniados.

Utilização das diárias na totalidade ou desmembradas, com o mínimo de duas diárias;

24 meses para utilizar as diárias, em qualquer época do ano.

Descontos de até 50% da tarifa balcão nas diárias excedentes.

Possibilidade de utilizar as diárias imediatamente após o pagamento da 1ª taxa de manutenção.

Utilização do crédito para pagamento de pacotes turísticos nacionais e internacionais;

Possibilidade de ceder o direito de utilização para terceiros, mediante autorização do titular.

AABB Porto Alegre *

Utilização das dependências e serviços

Rua Coronel Marcos, 1000, Ipanema

(51) 3243.1000

Porto Alegre/RS

* Oferece programas especiais para crianças no verão

Adesbam - Associação Recreativa Cultural e Esportiva

Utilização das dependências em Porto Alegre, Torres, Florianópolis e Itanhaém (litoral paulista)

Rua General Câmara, 236, 6º andar, Centro

(51) 3211.4666

Porto Alegre/RS

Hotel Serrano

Desconto de 10%

Avenida das Hortênsias, 1480, Centro

(54) 3295.8020

Gramado/RS

Hotel Ingleses Holiday Resort

Desconto de 10% sobre a tarifa vigente

Rua das Gaivotas, 1709, Praia dos Ingleses

(48) 3369.0145

Florianópolis/SC

LUGAR DE CRIANÇA É NA RUA

As ruas do Morro do Papagaio, em Belo Horizonte, foram invadidas pelos alunos da Escola Municipal Ulysses Guimarães. Eles promovem a ocupação sistemática de uma igreja, de salas até então desocupadas, de uma quadra da Polícia Militar e do prédio reservado ao programa social BH Cidadania. Sem encontrar resistência, usam esses espaços para estudar e se divertir com atividades esportivas e culturais. O projeto, que atinge 12 mil alunos de 50 escolas municipais da capital mineira e vem ganhando espaço como um modelo de educação comunitária, leva o nome de Escola Integrada. A experiência se repete em Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, com o projeto Bairro-Escola, que já tem 23 mil alunos cadastrados em 31 escolas municipais. Na Escola Municipal Profes-

sor Darcy Ribeiro, localizada em uma região carente da cidade, os alunos também ocuparam praças, clubes, posto de saúde e igrejas.

O que mais chama a atenção, em ambos os casos, é a intervenção urbana que os alunos causaram com suas oficinas de arte. As casas de tijolos sem reboque e os postes sujos que compunham o cenário do bairro agora estão ganhando cores e desenhos nas mãos da criançada. Além disso, já se pode com-putar melhoria no rendimento. A adesão das escolas é voluntária, assim como a decisão de matricular o aluno no programa é dos pais. Como não há vagas para todos, os critérios são comuns entre as escolas: alunos com dificuldades e em risco social. (Fonte: Carta na Escola)

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA CRESCIU NO BRASIL

Os resultados do Censo da Educação Superior de 2006, divulgados no dia 19 de dezembro pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), apontam um crescimento de 571% no número de cursos de educação a distância. Os dados também mostram que o número de matrículas cresceu 315%. Em 2005, os alunos de cursos a distância representavam 2,6% do universo dos estudantes. Em 2006, essa participação passou a ser de 4,4%. A finalidade do Censo é fazer uma radiografia da educação superior. As instituições respondem ao questionário pela internet. Com base nesse conjunto de dados, apresentados de maneira detalhada, o Censo da Educação Superior oferece aos gestores de políticas educacionais uma visão das tendências de um nível de ensino em processo de expansão e diversificação. (Fonte: Folha Online)

O APAGÃO FONOGRÁFICO

Durante anos, a indústria produtora de discos queixou-se do avanço da pirataria, enquanto afirmava repetidamente que não tinha condições de reduzir preços para tentar fazer frente à "concorrência desleal" da internet, dos camelôs e do crime organizado. A pirataria nunca parou de aumentar. Nem o mercado oficial de encolher. Neste 2007, quando gravadoras vivem uma espécie de "apagão" e a sensação compartilhada por produtores, artistas e consumidores é de que o formato CD está prestes a se desintegrar, a indústria fonográfica contradiz os antigos argumentos e protagoniza uma redução inédita e

generalizada de preços para tentar se salvar do naufrágio.

A multinacional Warner, por exemplo, retirou do baú a quantidade fabulosa de 1,2 mil títulos em CD e DVD, de nomes outrora comercialmente preciosos como Frank Sinatra, Madonna, Gilberto Gil e Red Hot Chili Peppers, e os jogou no mercado por preços que chegam a 20, 18 e 16 reais. Até outro dia, era raro encontrar em lojas regulares os mesmos títulos por preços inferiores a 35 ou 40 reais. A gravadora EMI afirma que há muito não segue curvas de inflação e que, só neste ano, reduziu os preços em 20%. (Fonte: Carta Capital)

ESCORPIÃO MARINHO

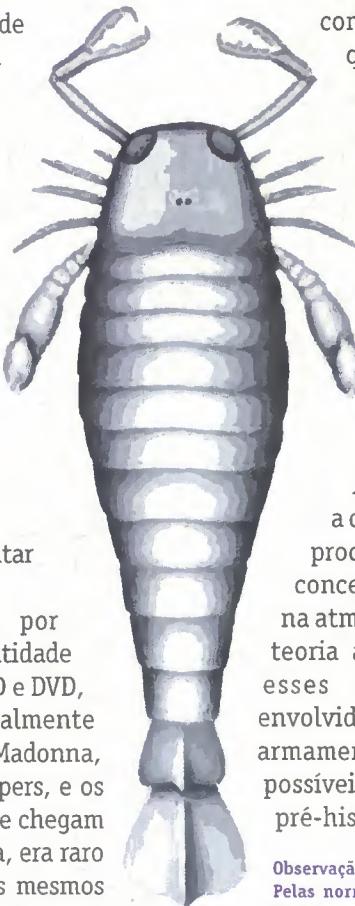
Cientistas encontraram a garra fossilizada de um escorpião marinho de 2,5 metros de comprimento, uma criatura assombrosa que viveu antes da era dos dinossauros. A descoberta da espécie de 390 milhões de anos, feita em uma pedreira da Alemanha, sugere que os aracnídeos, insetos e crustáceos pré-históricos eram muito maiores do que se pensava até agora, afirmaram pesquisadores da Universidade Bristol (Grã-Bretanha). "Já há algum tempo, sabíamos que os registros fósseis continham centopéias monstruosas, escorpiões gigantescos, baratas colossais e libélulas enormes, mas não tínhamos descoberto, até agora, o quanto grande eram alguns desses antigos bichinhos rastejantes e assustadores", disse o pesquisador Simon Braddy.

A garra do escorpião marinho "Jaekelopterus rhenaniae" mede 46 centímetros de comprimento, indicando que a criatura possuía 50 centímetros a mais do que previam as estimativas anteriores. Não se sabe ao certo por que os artrópodes pré-históricos - criaturas com esqueletos externos e corpos segmentados - cresceram tanto.

Alguns cientistas acreditam que o processo deveu-se à maior concentração de oxigênio na atmosfera de então. Outra teoria aventa a hipótese de esses animais terem se envolvido em uma "corrida armamentista" contra suas possíveis presas, os peixes pré-históricos de carapaça.

Observação

Pelas normas da língua portuguesa, no título da página 5 - Ufrgs adere programa - e no índice - Ufrgs adere Reuni - deveria haver a preposição "a" e o artigo "o" (ao) antes das palavras "programa" e "Reuni". No entanto, vale ressaltar que nas linguagens jornalística e publicitária as construções usadas são admissíveis.



www.ufrgs.br/faced/direitoshumanos/

NO AR, A LIGA DOS DIREITOS HUMANOS

LIGA DOS DIREITOS HUMANOS

Apresentação

A criação do projeto "Liga dos Direitos Humanos" visa o desenvolvimento de ações interdisciplinares e transdisciplinares que resultem da união de vontades e de ideais, e da socialização de pesquisas e ações desenvolvidas por estudiosos e interessados nas questões relativas à promoção e difusão dos direitos humanos.

Objetivos

1. Apoiar ações e projetos desenvolvidos pelas entidades que atuam na área de direitos humanos, tais como fundações, associações, institutos, organizações não-governamentais, universidades e centros de pesquisa
2. Articular iniciativas preventivas no sentido de coibir a violação de direitos humanos
3. Assessorar a comunidade acadêmica interessada no aperfeiçoamento de estudos na área dos direitos humanos

Estreou no início de novembro o programa "Liga dos Direitos Humanos". A novidade nas ondas sonoras da Rádio da Universidade, 1080 AM, vai ao ar às segundas-feiras, 10h05min, com duração de 30 minutos. A proposta é dos estudantes do curso de especialização em Direitos Humanos, realizado pela Escola

Superior do Ministério Público da União e pela Ufrgs, que participam na produção de quadros e atuam como entrevistadores, comentaristas e redatores. "A Liga dos Direitos Humanos foi criada em julho deste ano e desde o início contou com o total apoio e participação dos professores coordenadores do curso – Paulo Leivas, Domingos Dresch da Silveira e Fernando Seffner – e das direções das faculdades de Educação (Malvina Dorneles) e de Direito (Sérgio Porto) da Ufrgs. É um projeto acadêmico-social que desenvolve ações, socializa pesquisas e apóia instituições que atuam na promoção e na difusão da cidadania e dos direitos humanos", explica a coordenadora-geral do projeto, Giancarla Brunetto.

A página eletrônica do programa funciona como um fórum de debate e um ponto virtual de encontro entre pessoas que trabalham sobre diversos temas à luz dos Direitos Humanos. "Entre as ações propostas, destacam-se as aulas abertas, encontros socráticos realizados em locais públicos; o cine-debate e o programa de rádio, original no gênero", enumera Giancarla. No primeiro mês, o programa já repercutiu temas como o filme "Tropa de Elite", o Estatuto do Idoso e as atribuições dos procuradores e dos promotores de Justiça. "Todas estas atividades foram idealizadas por alunos do curso que atuam no campo dos Direitos Humanos. São professores, assistentes sociais, advogados, promotores, juízes, além de estudantes universitários e profissionais de outras áreas que se associam voluntariamente a este projeto. Em meio à pluralidade e à diversidade de idealizações, ações e manifestações, o que une e identifica a Liga dos Direitos Humanos é uma mesma vontade, persistência e alegria, de estarmos criando coletiva e solidariamente uma rede de amigos dos Direitos Humanos. Todos estão convidados a participar", diz a coordenadora.

Pedagogia

www.revistapatio.com.br



Site da "Patio – Revista Pedagógica", editada pela Artmed, que aborda temas centrais emergentes nas salas de aula e meios acadêmicos do País e do exterior. A partir de edições temáticas, a revista busca oferecer um panorama abrangente, qualificado e acessível sobre questões cruciais à educação, servindo para a formação e a atualização de professores de todos os níveis de ensino e como ferramenta de reflexão e trabalho para coordenadores pedagógicos e diretores. A página eletrônica dá acesso também à "Patio – Educação Infantil".

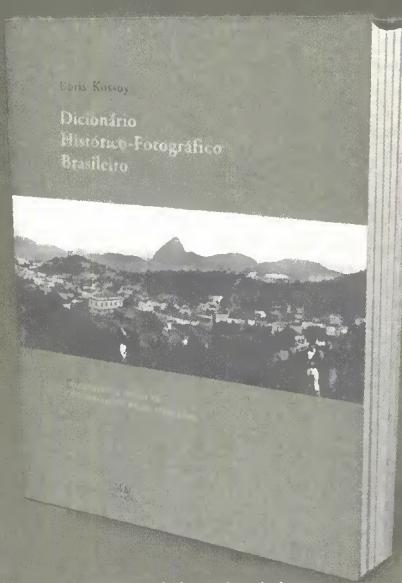
Site da "Patio – Revista Pedagógica", editada pela Artmed, que aborda temas centrais emergentes nas salas de aula e meios acadêmicos do País e do exterior. A partir de edições temáticas, a revista busca oferecer um panorama abrangente, qualificado e acessível sobre questões cruciais à educação, servindo para a formação e a atualização de professores

Literatura

www.casaruibarbosa.gov.br



Elaborado pela Casa Rui Barbosa, este site pode ser uma boa fonte de pesquisa para quem busca saber mais profundamente sobre escritores brasileiros. Através desta página é possível acessar arquivos privados de grandes nomes de nossa literatura, onde encontram-se biografias, livros e muito mais! Há ainda uma área reservada "para as crianças", onde se encontram textos escritos em linguagem apropriada para esta faixa etária, inclusive uma breve biografia de Rui Barbosa.



**Dicionário Histórico-Fotográfico Brasileiro
Fotógrafos e ofício da
fotografia no Brasil
(1833-1910)**

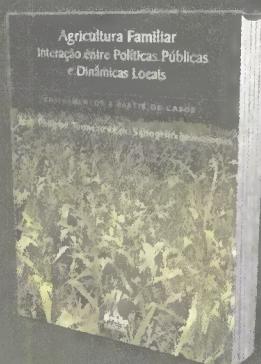
Boris Kossoy
Instituto
Moreira Salles
405 páginas
R\$ 70,20

Inicialmente apresentado na Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP como tese de livre-docência, em 2000, o Dicionário Histórico-Fotográfico Brasileiro existe graças às pesquisas que Boris Kossoy desenvolveu para a tese de doutorado, defendida em 1979. Nela, o pesquisador busca estabelecer as primeiras bases para uma compreensão da fotografia no Brasil do século 19. Neste trabalho, as características da expansão da atividade foram entendidas em conexão com a estrutura urbana da época. A maior contribuição desta pesquisa, no entanto, foi começar a rastrear os fotógrafos do período, com uma relação de cerca de cem estrangeiros itinerantes que vieram para o Brasil.

O resultado de 20 anos de pesquisa é o Dicionário com 900 verbetes sobre fotógrafos do século 19, suas trajetórias pessoais e o resgate de suas técnicas e modo de vida. "A historiografia sobre este período informa sobre dez, até 15 profissionais, mas nessa obra nós temos 900, quase todos anônimos. Além de ser pioneiro para a América Latina, o trabalho é interdisciplinar", conta

Kossoy. Ele considera que, através de informações pessoais dos fotógrafos e do levantamento de imagens, podem ser recuperadas relações sociais, costumes e outras características históricas. "Além da fotografia, este livro é importante para a propaganda, para a imprensa, para a história social. Mostra, por exemplo, a força que tinham os pequenos jornais regionais do interior e a mobilidade dos fotógrafos que construíram a imagem do Brasil", analisa.

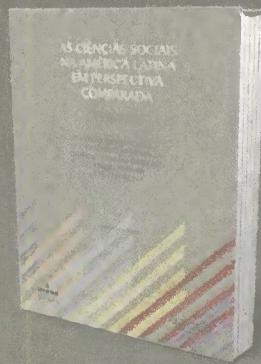
A lista do livro virou referência para outros pesquisadores e arquivistas, que passaram a trocar dados com Kossoy. "Essa obra é como um jogo de quebra-cabeça que foi se armando, adquirindo dimensões enormes e se completando ao longo do tempo", explica. O Dicionário, segundo o autor, foi concebido como uma obra aberta que deve ser completada em futuras edições com novas referências. "Com esses 900 verbetes, a minha esperança é que se tenha retorno de eventuais descendentes desses anônimos, falando sobre acervos, sobre dados, enfim, como eles trabalhavam. Tudo isso deve ser somado ao que já existe".



**Agricultura Familiar
Interação entre
Políticas Públicas e
Dinâmicas Locais**

Eric Sabourin
(organizador)
Editora Ufrgs
328 páginas
R\$ 30

A obra apresenta dez estudos de casos, em diferentes regiões do Brasil, analisados à luz da matriz específica. Um capítulo final reúne as principais conclusões da confrontação ou comparação dos casos, em matérias de dinâmicas, tendências e consequências da interação entre políticas públicas e dinâmicas locais. O livro apresenta, também, algumas propostas de reflexão e sugestões para o desenvolvimento de futuras pesquisas sobre co-construção de instrumentos de políticas públicas de desenvolvimento rural.



**Ciências Sociais na
América Latina em
Perspectiva
Comparada**

Helio Trindade
Editora Ufrgs
416 páginas
R\$ 65

Este livro é o resultado do entrecruzamento de duas grandes pesquisas que abrangem um período de mais de meio século. Seu foco é a análise do processo de construção das ciências sociais em cinco países: Argentina, Brasil, Chile, México e Uruguai. Além dos estudos nacionais, propõe-se a investigar os processos de institucionalização das ciências modernas e suas disciplinas.

ARTE ÀS MARGENS DO RIO

Inspirada no conto
"A Terceira Margem do Rio",
de Guimarães Rosa, a 6ª Bienal
do Mercosul foi visitada por meio
milhão de pessoas no Cais do Porto.

por Clarissa Pont

Eduardo Seidl/índicefoto



"Nosso pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas, quando indaguei a informação. Do que eu mesmo me alembo, ele não figurava mais estúdio nem mais triste do que os outros, conhecidos nossos. Só quieto. Nossa mãe era quem regia, e que ralhava no diário com a gente — minha irmã, meu irmão e eu. Mas se deu que, certo dia, nosso pai mandou fazer para si uma canoa"

Assim começa o conto de Guimarães Rosa que inspirou Gabriel Pérez-Barreiro, curador geral desta edição da Bienal. Na história, o pai leva a canoa até o meio do rio e passa a viver ali. A canoa é a outra margem. A terceira margem simboliza uma terceira via, outra possibilidade de ver, de estar. "Nas questões políticas, quase todos os países do Mercosul estão envolvidos em algum tipo de experiência de terceira via entre o socialismo e a economia de mercado. Na 6ª Bienal do Mercosul, a ênfase será sobre os artistas que criaram seu próprio espaço dentro de um sistema estabelecido", explica Pérez-Barreiro que carrega no currículo títulos como a curadoria de arte latino-americana do Blanton Museum of Art, da Universidade do Texas e é doutor em História e Teoria da Arte pela Universidade de Essex. De 2000 a 2002, foi



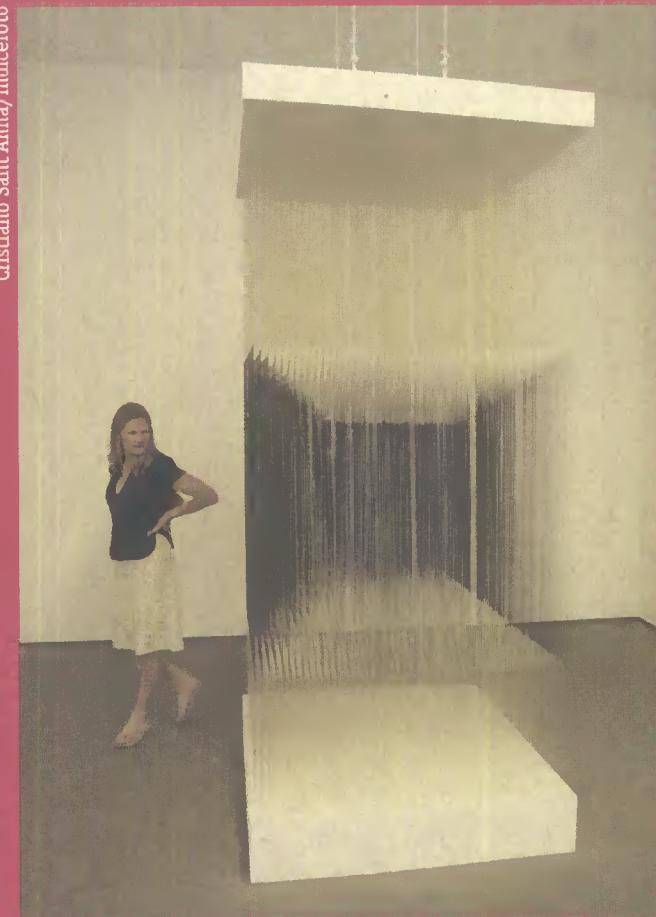
O projeto pedagógico atendeu diversas crianças, como na oficina de resignificação do giz de cera.

Eduardo Seidl/Indicefoto

diretor de Artes Visuais no The Americas Society, em Nova York.

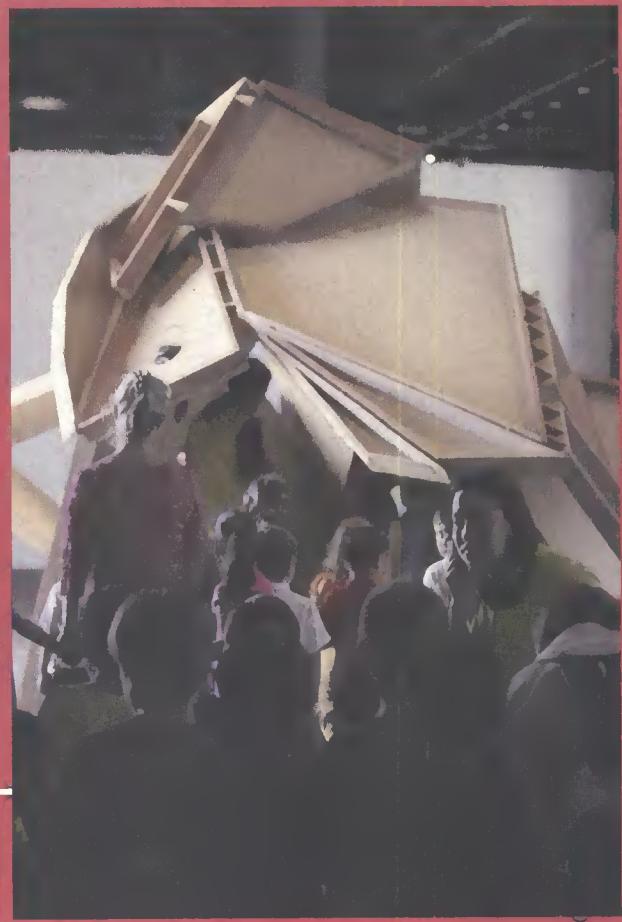
A Bienal de 2007 apresentou três exposições monográficas. Francisco Matto foi um dos participantes mais importantes do Atelier Torres-García no Uruguai. A obra de Matto está muito marcada pelo interesse nas culturas pré-colombianas, interesse que o levou a formar sua própria

coleção de arte pré-hispânica. Jorge Macchi é um dos artistas contemporâneos mais relevantes e reconhecidos na atualidade. Esta exposição durante a Bienal é a primeira visão geral da trajetória do artista no continente americano. A obra de Macchi se distingue por suas meditações sutis sobre as possibilidades poéticas da vida cotidiana. Öyvind Fahlström é talvez um dos artistas brasileiros menos conhecidos no país natal. Homenageado com exposições individuais no Museu Guggenheim em Nova York, Centro Georges Pompidou de Paris, Moderna Museet de Estocolmo e Centro Walker Arts de Minneapolis, sua obra nunca foi apresentada no Brasil. Artista plástico, poeta, jornalista, ator, crítico, cineasta e ativista político, Fahlström representa um arquétipo de artista comprometido com a análise e a moralidade de tudo que o rodeia. As exposições Zona Franca, Conversas e Três Fronteiras completaram a programação da Bienal.



O bloco de fios transparentes do artista venezuelano Jesús Soto, um dos maiores expoentes da chamada arte cinética, fez com que cada visitante estendesse os minutos em frente à obra. Soto foi um dos artistas venezuelanos de maior projeção internacional, fez carreira em estúdios de arte em Paris, cidade onde viveu e morreu. A arte cinética utiliza linhas e formas para gerar um efeito visual parecido ao de uma vibração, ou de uma holografia. O efeito final sugere volumes virtuais suspensos no espaço.

Obra When Stars Become Words, de Steve Roden, na mostra Zona Franca.



Eduardo Seidl/Indicefoto

ARTE OS MARGENS DO RIO

WWW.
bienalmercosul
.art.br

+1 exposição

Enquanto a Bienal acontecia no centro de Porto Alegre, a Bienal B tratava de espalhar arte por outros cantos da cidade. O lado B da Bienal foi construído através da organização informal de manifestações artísticas independentes e paralelas. "Cabe frisar que a Bienal B não é um contraponto à Bienal do Mercosul, é um projeto para somar, ampliar as reflexões para mais público, dando visibilidade para mais artistas. Não é concorrente, mas simpática a todas e quaisquer outras propostas paralelas à Bienal", explicam os organizadores.

Eduardo Seidl/Índicefoto



Obra A Fonte, de Jorge Macchi

+1 site

Na página eletrônica, é possível acessar os nomes de todos os artistas participantes, além de permitir a utilização de uma Biblioteca Virtual que realiza a busca por imagens, currículo de artistas e obras.



O movimento no Cais do Porto foi intenso durante os dias da exposição.



Cristiano Sant'Anna/Índicefoto

+1 artista

O artista que marcou as exposições monográficas foi Jorge Macchi, argentino que vive e trabalha em Buenos Aires. A cidade, o cotidiano, a violência e o destino são temas das criações de Macchi que trabalha em diversas mídias, incluindo instalações, pinturas, vídeos e fotografias. Seu trabalho faz parte das coleções do Tate Modern, de Londres; do Museo de Arte Moderna de Buenos Aires; do Museu de Arte Contemporânea de Amberes, na Bélgica e da Fundação Arco.



Jorge Macchi em visita guiada pela mostra monográfica no Santander Cultural

a história DE QUEM FAZ



Cristina Lima

2003

Comunidade científica gaúcha se mobiliza diante do não repasse de recursos pelo Estado à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (Fapergs), criada em 1964 com a função de fomentar o desenvolvimento científico e tecnológico do RS. Passeatas, audiências públicas e outras atividades movimentaram o cotidiano de pesquisadores, autoridades e entidades sindicais. Uma

das principais protagonistas da luta, a Adufrgs promoveu o painel "Em defesa da Fapergs", que deu origem ao livro de mesmo nome (na foto aparece na mão do manifestante). Desde 1990, a Constituição Estadual determina que 1,5% da receita líquida de impostos seja repassado à Fapergs. No entanto, nenhum governo, desde então, cumpriu esse percentual.

